

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Departamento de Sociologia

Samara Olartechea Veron

**Empreendedorismo e gênero: uma análise das percepções de
mulheres empreendedoras**

São Carlos
2025

Samara Olartechea Veron

Empreendedorismo e Gênero:
uma análise das percepções de mulheres empreendedoras

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
Sociologia da Universidade Federal de
São Carlos como requisito parcial para
obtenção do título de bacharel em
Ciências Sociais

Orientadora: Profa. Dra. Aline Suelen
Pires

São Carlos
2025

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus pais, João Batista e Elissane, por sempre me incentivarem a estudar e por terem tornado possível o meu ingresso na Universidade Federal de São Carlos. O apoio de vocês foi fundamental para que esta pesquisa e toda a minha trajetória acadêmica se concretizassem. Este trabalho nasce de uma inquietação profundamente pessoal: cresci em uma família que sempre empreendeu para ganhar a vida, e acompanhar as dificuldades enfrentadas pela minha mãe para conciliar o cuidado conosco com o trabalho nos empreendimentos familiares foi decisivo para a escolha deste tema. Agradeço também aos meus irmãos, especialmente Ana e Patrícia, pelo apoio constante nos momentos difíceis da graduação e por tornarem esse percurso mais leve e feliz.

Registro meu agradecimento à minha orientadora Aline Suelen Pires, à quem tanto admiro, pela orientação desde o início da graduação e pelas leituras e correções cuidadosas que contribuíram diretamente para o amadurecimento desta pesquisa. Ao grupo de pesquisa TRAMPO, pelo aprendizado coletivo e pelas discussões que ampliaram minhas reflexões sobre a Sociologia do Trabalho. Estendo também meu agradecimento a todos os professores do curso de Ciências Sociais, cuja excelência marcou estes quatro anos de formação.

Agradeço aos amigos que fiz antes e durante a graduação: Ana, Rafa, Manu, Edwin, Victor, Jackson, Gabi, Júlia, João, Gui, Vizoto, Igor, Dani, Letícia e Bárbara, por compartilharem comigo tantas memórias boas ao longo desse percurso. Agradeço também ao meu namorado, Guilherme, pelo carinho durante a escrita deste trabalho e pelo apoio fundamental no processo do mestrado. E agradeço aos meus gatinhos, Lili e Eragon, que me acompanharam silenciosamente em todas as horas de estudo, mesmo sem saberem, sempre tornaram minha rotina mais leve e feliz.

Sou especialmente grata a todas as mulheres empreendedoras que disponibilizaram seu tempo e compartilharam suas histórias para que esta pesquisa fosse possível. Ouvir suas trajetórias foi decisivo para aprofundar minhas reflexões e para o desejo de seguir investigando o empreendedorismo e o trabalho de cuidado. Espero que as análises apresentadas aqui consigam refletir, ao menos em parte, a complexidade das experiências que generosamente dividiram comigo.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo financiamento concedido durante minha iniciação científica (processo

2023/16153-2), que possibilitou o desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso. Reconheço a importância desse financiamento para a produção das Ciências Sociais no país.

Finalizo reconhecendo que concluir esta pesquisa não é apenas um marco individual, mas o resultado de muitas redes de apoio que me permitiram chegar até aqui.

O que eles chamam de amor, nós chamamos de trabalho não pago (Federici, 1975).

RESUMO

O empreendedorismo vem crescendo enquanto alternativa ao trabalho assalariado no Brasil, consolidando uma cultura do trabalho adaptada às condições de desemprego e insegurança, em que os trabalhadores assumem individualmente a responsabilidade por todos os riscos. Para as mulheres, o empreendedorismo é apresentado não só como uma forma de equilibrar a esfera produtiva e reprodutiva, devido à flexibilidade das jornadas de trabalho, mas também de enfrentar as desigualdades de gênero no mundo do trabalho. O objetivo da pesquisa é investigar as percepções de empreendedoras de São Carlos no que diz respeito à conciliação entre as exigências do empreendedorismo e do trabalho de cuidado. Para isso, utilizamos a metodologia de entrevista semiestruturada com dez empreendedoras locais. A análise das entrevistas revelou uma dualidade na flexibilização: por um lado, proporciona mais liberdade na organização da rotina de trabalho para cumprir as obrigações de cuidado; por outro, intensifica as jornadas de trabalho, levando-as a assumirem múltiplas funções e dificultando a delimitação das fronteiras entre essas duas esferas. Assim, ainda que o empreendedorismo se apresente como uma solução para romper com as desigualdades de gênero no trabalho, essas mulheres continuam exercendo os papéis tradicionais de gênero e ainda vivenciam uma intensificação do trabalho.

Palavras Chaves: Empreendedorismo; Empreendedorismo feminino; Gênero; Precarização do trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
Apresentação da pesquisa	5
Percurso metodológicos	7
1. EMPREENDEDORISMO E A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO	11
1.1. Empreendedorismo e neoliberalismo	11
1.2. Empreendedorismo Feminino	15
2. TRAJETÓRIA DAS EMPREENDEDORAS	16
3. MOTIVAÇÕES PARA EMPREENDER	25
3.1 Liberdade e Autonomia no contexto empreendedor	25
3.2 Empreendedorismo e a sobrecarga do trabalho	30
4. TRABALHO DE CUIDADO E GERENCIAMENTO DA VIDA	33
4.1 Trabalho feminino e a reprodução social	33
4.2 Redes de Ajuda e a coletivização do trabalho de cuidado	36
5. EMPREENDEDORISMO E O TRABALHO NAS REDES SOCIAIS	38
5.1 O Instagram e a centralidade das redes sociais no empreendedorismo	39
5.1 Cultura empreendedora nas redes sociais	43
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
APÊNDICE: ROTEIRO DE ENTREVISTA	47
7. Referências	52

INTRODUÇÃO

Apresentação da pesquisa

Devido ao processo de flexibilização das leis trabalhistas, implementação de políticas neoliberais e aumento do desemprego, a proposta do empreendedorismo ganha força ao se apresentar como uma alternativa ao trabalho assalariado (Colbari, 2007), tanto para aqueles que foram excluídos do mercado de trabalho assalariado como para aqueles que estão inseridos. Essa ampliação da flexibilização do trabalho legitimou a ressignificação da “informalidade” como “empreendedorismo” (Machado da Silva, 2002), consolidando assim um cenário de responsabilização individual na busca de saídas para a crise do emprego (Lima, 2021).

Esse processo de crescimento da informalidade e da flexibilização no mercado de trabalho não é homogêneo e, do ponto de vista de gênero, opera sob a ideologia naturalista da divisão sexual do trabalho. Isso significa que funções específicas são atribuídas a cada gênero, sendo os homens associados prioritariamente à esfera produtiva, a trabalhos socialmente mais importantes e reconhecidos. Por outro lado, as mulheres são encarregadas de papéis ligados à esfera reprodutiva, não remunerados, como o trabalho doméstico e o de cuidado, com base na justificativa de que elas seriam naturalmente afetuosas e maternais (Fraser, 2020; Federici, 2019).

Com o avanço do neoliberalismo e a redução do papel do Estado, em relação à provisão de bem-estar social, o trabalho de cuidado é cada vez mais relegado à esfera privada, sobrecarregando as famílias, especialmente as mulheres, que passam a ser as principais responsáveis (Marcondes, 2012). Em decorrência disso, os empregos em tempo parcial passam a ser considerados viáveis para que as mulheres continuem se dedicando ao trabalho de cuidado enquanto ocupam a esfera produtiva. Ao analisar o empreendedorismo a partir do recorte de gênero, é possível perceber que as mulheres veem no autoemprego uma possibilidade de inserção no mundo do trabalho com jornadas flexíveis que permitem a conciliação das atividades domésticas e profissionais (Acquaro, 2018).

A construção do empreendedorismo feminino também está associada à conquista de mais autonomia, liberdade, maiores remunerações e como uma forma de combater o machismo presente no mercado de trabalho. Nessa perspectiva, o empreendedorismo seria responsável por promover o “equilíbrio” entre o trabalho e a

família, sendo considerado uma solução para que as mulheres continuem reproduzindo seu papel na divisão sexual e ocupem a esfera produtiva. A noção de “equilíbrio” apenas reforça a ideia de que o cuidado é uma responsabilidade essencialmente feminina, perpetuando a invisibilidade e a desvalorização do trabalho doméstico, o que contribui para a manutenção dos papéis tradicionais de gênero (Marcondes, 2012; Rottenberg, 2014).

Desse modo, o empreendedorismo tem sido apresentado como solução para problemas sociais e individuais, ou seja, a superação de tais adversidades dependeria, exclusivamente, da força de vontade dos sujeitos. Tal concepção tende a apagar as desigualdades de gênero, culturais, raciais e econômicas (Carvalho; Porém, 2020). Tanto o feminismo neoliberal quanto o empreendedorismo feminino passam a associar a superação da opressão de gênero a conquistas meritocráticas e individuais, de modo que a emancipação, igualdade e autonomia estariam vinculadas ao sucesso profissional (Porém; Carvalho; Braz, 2023; Medeiros, 2017).

Mesmo que o empreendedorismo ofereça a promessa de conciliar essas demandas, na realidade essas mulheres enfrentam jornadas exaustivas e desprovidas de direitos trabalhistas, como salário fixo, férias ou décimo terceiro. Os rendimentos costumam ser menores e irregulares, chegando a receber 20% a menos que os homens (IBGE, 2023), uma vez que elas não conseguem se dedicar integralmente ao negócio devido à necessidade constante de administrar também as tarefas domésticas não remuneradas.

Tendo em vista que vivenciamos uma era digital marcada por um contínuo *on-offline*, em que as relações sociais passam a ser mediadas pelo uso das tecnologias comunicacionais (Miskolci, 2016), o empreendedorismo está profundamente interligado às redes sociais, especialmente o Instagram. Essa rede social permite o acesso a uma ampla gama de possíveis clientes, conectando pessoas de todo o mundo, além de funcionar como uma vitrine, em que os empreendedores podem expor seus trabalhos e gerar vendas.

As redes sociais têm transformado profundamente as dinâmicas de trabalho ao reconfigurarem a territorialidade, pois, o trabalho ao deixar de estar restrito a um espaço físico fixo, como o escritório, passa a ocupar outros territórios, especialmente a casa, que passa a ser simultaneamente o espaço doméstico e de trabalho. Aliado a isso, a presença constante do celular faz com que o trabalho acompanhe as

mulheres para todos os lugares, estendendo a jornada para além da dimensão física e incorporando a esfera digital como parte constitutiva do cotidiano de trabalho. Nesse sentido, o território do trabalho se multiplica e se sobrepõe, articulando o espaço doméstico, a rua e o ambiente online. Essa reconfiguração produz uma conexão permanente com o empreendimento, dificultando ainda mais a separação entre vida pessoal e profissional e reforçando a sensação de disponibilidade.

Tendo em vista esse contexto de aumento e incentivo ao empreendedorismo, a partir de um recorte de gênero, e o crescente uso das tecnologias informacionais, o presente projeto de pesquisa propõe investigar as percepções das mulheres empreendedoras da cidade de São Carlos no que diz respeito à conciliação entre as exigências do empreendedorismo e as responsabilidades relacionadas à esfera da reprodução social, considerando os impactos das redes sociais nesse processo. Partiu-se da hipótese de que ao serem responsabilizadas individualmente pela conciliação entre trabalho produtivo e trabalho de cuidado, essas mulheres acumulam múltiplas funções para manter o empreendimento, enquanto são responsáveis pelo cuidado de suas famílias, intensificando suas jornadas de trabalho e borrando as fronteiras entre vida pessoal e profissional.

Percursos metodológicos

A escolha do município de São Carlos¹, em São Paulo, ocorreu devido à presença marcante da cultura empreendedora. Isso se evidencia na realização da 1ª Feira de Inovação e Empreendedorismo na cidade, bem como na existência de espaços dedicados ao empreendedorismo, tais como o ONOVOLAB (um ecossistema de inovação e empreendedorismo), a LESC (Liga de Empreendedorismo de São Carlos) e o Núcleo de Empreendedorismo da USP, que visam fomentar o desenvolvimento local a partir da perspectiva empreendedora.

A pesquisa se iniciou a partir do aprofundamento bibliográfico das temáticas acerca do processo de flexibilização e precarização do trabalho, divisão sexual do trabalho, neoliberalismo, empreendedorismo e empreendedorismo feminino, com o intuito de auxiliar na compreensão dos elementos que poderiam ser encontrados no campo, além de possibilitar a elaboração do roteiro das entrevistas semiestruturadas. Nesse sentido, a bibliografia foi mobilizada para dialogar com a questão de pesquisa,

¹ Município brasileiro localizado no interior do estado de São Paulo, abriga uma população de cerca de 250 mil habitantes e destaca-se como um significativo centro regional industrial.

buscando compreender quais são as percepções e os sentidos elaborados pelas interlocutoras a respeito do empreendedorismo feminino e do trabalho de cuidado.

Vale destacar que, durante toda a pesquisa, foram realizadas reuniões de orientação e estudo no âmbito do TRAMPO (Grupo de Pesquisa sobre Trabalho e Juventude), da UFSCar, em que produções acadêmicas relacionadas à sociologia do trabalho foram discutidas, contribuindo, assim, com o desenvolvimento da pesquisa. Aliado a isso, acompanhamos perfis de influenciadoras digitais no Instagram, para entender como a cultura empreendedora² tem se disseminado nesses espaços, possibilitando complementar as análises das entrevistas e da bibliografia mobilizada.

Em paralelo ao aprofundamento teórico, realizamos a elaboração do roteiro de entrevistas semiestruturadas (disponível como apêndice, ao final do texto), para compreender os aspectos mais pessoais e subjetivos da experiência empreendedora dessas mulheres, permitindo assim, entender quais são as percepções e os sentidos elaborados por elas. O roteiro semiestruturado permitiu maior liberdade para adequar a ordem e a profundidade das perguntas ao ritmo de cada entrevistada, mantendo, entretanto, o foco nas questões principais que propusemos investigar (Flick, 2013).

Iniciamos o trabalho de campo a partir do contato com uma empreendedora que já conhecíamos por estar sempre presente nas feiras empreendedoras da cidade. A partir dessa entrevista, mobilizamos a estratégia de bola de neve para acionar novas participantes e aumentar o número da amostra (Becker, 1993; Vinuto, 2014). O roteiro foi organizado a partir de sete eixos temáticos, sendo eles: 1) Perfil; 2) Características do trabalho e da empresa; 3) Trajetória Ocupacional; 4) Redes sociais e empreendedorismo; 5) Direitos trabalhistas; 6) Empreendedorismo e o trabalho de cuidado; 7) Perspectivas futuras. Todas as entrevistas foram gravadas com o consentimento das participantes, e posteriormente transcritas com o apoio do *Transkriptor*, uma plataforma de transcrição online, possibilitando a análise à luz do referencial teórico.

As entrevistas foram realizadas buscando atingir o ponto de saturação qualitativa dos dados, isto é, é até o momento que pararam de surgir novas informações relevantes nos relatos. Para garantir que a saturação não ocorresse por

² Fenômeno marcado pela circulação de narrativas que exaltam a autonomia, a motivação individual e a capacidade de superação como elementos centrais do sucesso (Porém; Carvalho, 2023). Nessa lógica, empreender é apresentado não apenas como uma alternativa possível, mas como o único caminho legítimo para alcançar a realização

estar restrita a um grupo específico, buscamos intencionalmente compor uma amostra que fosse heterogênea, para isso selecionamos empreendedoras de ramos diferenciados e com perfis distintos. A composição da amostra foi orientada pelas dimensões do poder informacional, em que mais do que a quantidade de participantes, o que importava era a variedade e a densidade das informações recolhidas, garantindo, assim, maior profundidade à análise.

Dessa forma, parte-se do entendimento de que a riqueza do material empírico não está associada ao número de entrevistados, mas sim à relevância das experiências compartilhadas em relação ao objeto da pesquisa (Rego, 2018). Embora o grupo apresente elementos diversos em suas trajetórias, é importante reconhecer as semelhanças existentes entre elas. A amostra reúne mulheres que compartilham certos marcadores sociais, em geral, brancas, de classe média, com ensino superior completo e inseridas em micro ou pequenos empreendimentos. Essa caracterização ajuda a compreender melhor as especificidades do grupo analisado

O grupo de empreendedoras analisado é composto por dez mulheres atuantes em diferentes segmentos, incluindo Maria, proprietária de uma papelaria; Carla, designer de sobancelhas; Débora e Alana, donas de lojas de acessórios; Laura, cabeleireira; Olívia, ilustradora digital; Giovana, artista de aquarela; Luísa, manicure, Érica, organizadora de eventos; e Joana, dona de uma loja de roupas. Todos os nomes utilizados durante a pesquisa são fictícios para preservar a identidade das entrevistadas.

Com a finalidade de caracterizar o universo pesquisado, elaboramos dois quadros com dados pessoais e relativos ao empreendimento das interlocutoras. As entrevistadas foram, majoritariamente, mulheres brancas (sete entrevistadas), com ensino superior completo (seis), com filhos (seis), com algumas exceções. O Quadro 1 contém as informações referentes aos dados pessoais das mulheres participantes deste estudo, já o Quadro 2, apresenta as características do empreendimento das entrevistadas.

Quadro 1- Informações sobre as entrevistadas

Perfil das Entrevistadas								
Nome	Cor ou Raça	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Número de Filhos	Presença de trabalhadora doméstica remunerada no domicílio	Moradores da Casa	Renda Familiar (em salários-mínimos) ³
Maria	Branca	28	Solteira	Ensino Superior	0	Não	4	6
Carla	Branca	27	Casada	Ensino Superior	2	Uma vez por semana	4	10
Débora	Parda	37	Casada	Ensino médio	1	Não	3	12
Helena	Branca	31	Casada	Ensino Superior	1	Uma vez por semana	3	6
Laura	Preta	32	Casada	Ensino médio	0	Não	2	20
Olívia	Branca	27	Casada	Ensino Superior	0	Não	2	6
Giovana	Amarela	30	Casada	Ensino Superior	0	Não	2	7
Luísa	Branca	43	Casada	Ensino Médio	2	Não	4	7
Érica	Branca	58	Casada	Ensino Superior	2	Uma vez por semana	3	16
Joana	Branca	47	Casada	Ensino Médio	2	Não	4	15

Fonte: Elaborado pela autora.

³ Em 2024, quando as entrevistas foram realizadas, o valor do salário-mínimo era R\$1412.

Quadro 2 - Informações relativas ao empreendimento das entrevistadas

Características do empreendimento					
Nome	Ano de Fundação	Área	Funcionários	Tipo da Loja	Remuneração individual (em salários-mínimos)⁴
Maria	2018	Papelaria	0	Física	1
Carla	2024	Estética	0	Física	2
Débora	2018	Acessórios	0	Online	1
Helena	2017	Acessórios	2	Física e Online	3
Laura	2022	Cabelereira	1	Física	2
Olívia	2016	Artes Visuais	0	Online	2
Giovana	2023	Ilustração	0	Online	1
Luísa	2005	Manicure	0	Física	4
Érica	2018	Eventos	2	Online	2
Joana	1983	Vestuário	8	Física	8

Fonte: Elaborado pela autora.

⁴ Essa renda refere-se à remuneração auferida mensalmente pelas entrevistadas em seus empreendimentos. Entretanto, conforme elas próprias indicaram, não se trata de um valor fixo: a quantia apresenta variações significativas ao longo do ano, constituindo-se, portanto, apenas na média, elaborada por elas, do montante recebido no período.

A partir dessa breve contextualização da pesquisa, o presente texto encontra-se organizado em cinco pequenos capítulos. O primeiro capítulo realiza uma discussão sobre o empreendedorismo e a precarização do trabalho. O segundo busca reconstituir a trajetória das empreendedoras. O terceiro capítulo aborda as motivações para empreender. Na sequência, o quarto debate a questão do trabalho do cuidado e o gerenciamento da vida e do trabalho. Por fim, o quinto capítulo foca na questão do trabalho das redes sociais. O trabalho se encerra com a apresentação de algumas considerações finais da pesquisa.

1. EMPREENDEDORISMO E A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO

Visando compreender o fortalecimento do empreendedorismo enquanto alternativa diante das mudanças no emprego, este capítulo propõe resgatar aspectos centrais da ressignificação da informalidade sob a lógica empreendedora, considerando as particularidades da incorporação do discurso neoliberal no contexto brasileiro, em que o empreendedorismo se entrelaça profundamente com os modos de vida sem salário. Além disso, buscamos incorporar a perspectiva de gênero na análise do empreendedorismo a fim de compreender como o trabalho reprodutivo influencia diretamente a adesão das mulheres às jornadas flexíveis, evidenciando não apenas os obstáculos específicos enfrentados por elas e os mecanismos que os reproduzem, mas também as formas mais amplas pelas quais o mercado de trabalho contribui para a produção e perpetuação das desigualdades de gênero.

1.1. Empreendedorismo e neoliberalismo

O processo de flexibilização do trabalho é um tema central na Sociologia do Trabalho nas últimas décadas. Os anos de 1970 e 1980 foram marcados por mudanças na esfera econômica, social e política. A transformação mais significativa consistiu na derrocada do Estado de Bem-Estar Social, que vigorava nos países do capitalismo central e era responsável por assegurar diversos direitos trabalhistas, regulamentar jornadas de trabalho e promover contratos de longo prazo, entre outras medidas, e o conseqüente processo de flexibilização e precarização do trabalho (Antunes, 2009; Harvey, 1992).

Esse processo foi mediado pelas particularidades sócio-históricas de cada país ou região. No contexto brasileiro, as políticas neoliberais foram incorporadas efetivamente a partir da década de 1990 por meio do receituário do Consenso de Washington⁵. Os direitos trabalhistas passam, cada vez mais, a ser vistos como obstáculos para o desenvolvimento econômico nacional, entendidos como responsáveis por impedir a competitividade dos produtos brasileiros no exterior, prejudicar os empresários e diminuir a liberdade de negociação dos contratos. O processo de retirada dos direitos trabalhistas foi sendo progressivamente realizado sob a justificativa de que a flexibilização do trabalho seria responsável por diminuir o

⁵ O Consenso de Washington promoveu a alteração na legislação do trabalho e redução fiscal do Estado para gerar superávit primário (BATISTA, 1994).

desemprego do país e permitir o desenvolvimento da economia nacional (Maccalóz, 1997).

Nesse processo, a expansão das formas flexíveis de organização do trabalho promoveu a ressignificação de atividades anteriormente classificadas como informais, que passaram a ser legitimadas pelo discurso do empreendedorismo (Machado da Silva, 2002). A característica geral da ideologia do empreendedorismo é individualizar e heterogeneizar as relações de trabalho, buscando consolidar um cenário de responsabilização individual na busca de saídas para a crise do emprego, ou seja, os trabalhadores começam a ser considerados como “empreendedores de si”. Dessa forma, configura-se uma cultura do trabalho que busca positivar a inserção por conta própria no mercado de trabalho, com base na ideia de que o trabalhador é o único responsável por sua empregabilidade (Lima, 2021).

A incorporação do discurso empreendedor no Brasil se dá de forma ambivalente e contraditória. De um lado, ele é impulsionado por uma lógica neoliberal que, sob o argumento de modernizar as relações de trabalho, promove a responsabilização individual e contribui para o enfraquecimento dos direitos trabalhistas historicamente conquistados. De outro, esse discurso se insere em um contexto marcado por um histórico de informalidade e precariedade, no qual amplos setores da classe trabalhadora nunca foram plenamente integrados ao emprego formal. Nesse cenário, práticas antes associadas à informalidade são ressignificadas e revestidas de um sentido de modernidade e autonomia individual, e os sujeitos têm produzido sentidos próprios que os engajam nessa prática (Costa, 2024; Penteado; Junior, 2020).

O discurso do empreendedorismo se associa às estratégias de apresentar os pequenos negócios como alternativas ao emprego formal, e as políticas públicas de geração de renda e emprego passaram a ser respaldadas, progressivamente, pelos programas de concessão de crédito produtivo popular no Brasil (Colbari, 2007). A partir de 2008, são elaboradas políticas públicas que visavam regulamentar e incentivar a prática do autoempreendedorismo⁶. Desde a regulamentação das MEIs, o número de microempreendedores individuais cresce a cada ano. Em 2009, eram 28 mil, já em 2022 foram criadas mais de 2,5 milhões MEIs (G1, 2023). Segundo a

⁶ Esse processo é evidenciado pela regulamentação do Microempreendedor Individual, através da Lei Complementar n.128, de 19 de dezembro de 2008.

pesquisa da Global Entrepreneurship Monitor (2024), existem cerca de 46,9 milhões de empreendedores no país, contabilizando negócios no estágio inicial, nascente, novo e estabelecido.

Segundo Rosenfield (2015), as políticas de estímulo ao empreendedorismo atendem a dois propósitos: o primeiro seria incentivar as formas autônomas de geração de trabalho e renda com o apoio do Estado; o segundo, a substituição do trabalho assalariado a partir de uma perspectiva da “gestão de si”, o que contribui para o enfraquecimento da ação coletiva. O empreendedorismo também tem sido legitimado por instituições privadas, como o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), que difundem e fortalecem a cultura empreendedora no país, por meio de cursos de capacitação, incentivo a competências individuais e produção de conteúdos que enaltecem o empreendedorismo como o caminho para o sucesso.

Nesse cenário de incentivo ao empreendedorismo, o Brasil ocupa a lista dos cinco países com maior nível de empreendedorismo no mundo, com cerca de 30,4% da população envolvida em atividades empreendedoras (Agência SEBRAE, 2023). Esse processo se intensificou após a Reforma Trabalhista de 2017, que ampliou as possibilidades de terceirização das atividades-fim e contribuiu para o avanço da pejetização, fenômeno no qual trabalhadores anteriormente contratados sob o regime CLT passam a constituir pessoas jurídicas para prestar os mesmos serviços de forma individualizada. A implementação de políticas neoliberais, aliada ao crescimento do desemprego e à retração dos direitos sociais, têm promovido o empreendedorismo como alternativa ao trabalho assalariado (Krein; Oliveira; Filgueiras, 2020).

O empreendedorismo reflete a lógica neoliberal, entendida não apenas como uma ideologia ou um novo sistema político, mas sim como uma razão de mundo que visa constituir um modo de governar os sujeitos e as instituições a partir da perspectiva do autogerenciamento. Isso implica reconhecer que o mercado passa a ser um agente de subjetivação, que produz novos sujeitos condicionados a moldes morais e sociais que se estendem a todas as relações sociais e esferas da vida. Nessa esteira, o empreendedorismo é marcado pela tentativa de constituir um sujeito caracterizado pela disposição de entregar-se plenamente ao trabalho, extraindo o máximo possível de si mesmo, visto que o sucesso ou o fracasso está associado ao seu nível de dedicação (Dardot; Laval, 2017; Pinheiro-Machado et al., 2024; Porém; Carvalho; Braz, 2023).

Nesse contexto de avanço do neoliberalismo e incentivo ao empreendedorismo, observa-se uma transformação nos valores atribuídos ao trabalho. Essa mudança decorre não apenas das alterações na esfera produtiva, mas também da construção coletiva de novos significados e representações que configuram uma nova cultura do trabalho:

As atividades por conta própria tornam-se por excelência o ideal representativo dessa nova cultura do trabalho. A valorização do trabalho autônomo empreendedor reinterpreta igualmente o trabalho informal, destacando seu potencial criador vinculado à predisposição individual ao risco e à inovação (LIMA, 2010, p. 161).

Sendo assim, é possível perceber que o empreendedorismo assume outros usos e significados que buscam ocultar os processos de informalização do trabalho e transferências de riscos, no qual o trabalhador continua a ser subordinado, mas passa a ser apresentado como empreendedor (Machado da Silva, 2002; Abílio, 2019). Em muitos casos, o “empreendedor” é o trabalhador em uma relação de assalariamento disfarçado, e, na prática, subordinado, precarizado, com longas jornadas de trabalho, baixas remunerações, responsabilizado individualmente pelo seu sucesso ou fracasso (Antunes, 2009).

Contudo, no Brasil, a incorporação da lógica neoliberal e da prática empreendedora assume especificidades decorrentes de um mercado de trabalho historicamente marcado pelo chamado modo de vida sem salário, caracterizado pela incerteza econômica e pela transitoriedade entre ocupações mais ou menos precárias, frequentemente imbricadas em relações familiares. Isso ocorre devido à formação histórica de um fordismo periférico no país, em que a informalidade não era uma exceção à regra, ou uma incompletude de um sistema perfeitamente funcional, e sim uma parte fundamental e inerente ao desenvolvimento capitalista do Sul global (Braga, 2012; Costa, 2024).

Em decorrência da constituição de um mercado de trabalho marcado pela permanência estrutural da informalidade e do subemprego, o empreendedorismo assume múltiplos significados, sendo, em muitos casos, positivado pelos próprios sujeitos envolvidos, devido à flexibilidade das rotinas, a percepção de autonomia sobre o próprio trabalho e a lógica meritocrática de que todo o esforço será recompensado futuramente (Costa, 2024; Rangel; Magaldi, 2023). Nessa perspectiva, para os grupos historicamente marginalizados, como as populações periféricas, as pessoas negras e as mulheres, a prática é considerada como um

horizonte emancipatório, sendo uma alternativa aos empregos precários disponíveis. Por outro lado, também pode ser visto como importante instrumento de precarização das relações de trabalho, visto que ao retirar os mecanismos de proteção coletiva e solidariedade acaba desconstruindo os direitos historicamente conquistados (Penteado; Junior, 2020)

1.2. Empreendedorismo Feminino

Tendo em vista as complexidades e heterogeneidades desse processo, o empreendedorismo também tem mobilizado identidades⁷ de minorias sociais, que, historicamente, têm tido dificuldades para se inserir no trabalho formalizado, a fim de associar a superação das opressões estruturais à disseminação de um espírito empreendedor. Nessa perspectiva, há múltiplos empreendedorismos sendo constituídos a partir das identidades, como o empreendedorismo negro, feminino, periférico, materno, na busca de conquistar reconhecimento, autonomia, liberdade, emancipação desses sujeitos e a superação das desigualdades de gênero, raça e classe.

Nesse sentido, o empreendedorismo passa a ser apresentado como a solução para os problemas sociais e individuais, ou seja, a superação dos desafios nessas esferas depende, supostamente, da força de vontade individual dos sujeitos. Tal processo leva ao apagamento das desigualdades de gênero, culturais, raciais e econômicas que estão relacionadas à ascensão do empreendedorismo (Carvalho, 2020). O próprio discurso do feminismo neoliberal passa a associar a superação da opressão de gênero a conquistas meritocráticas e individuais, em que a emancipação, a igualdade e a autonomia estariam relacionadas com o sucesso profissional (Porém, Carvalho, Braz, 2023; Medeiros, 2017).

O processo de crescimento da informalidade e da flexibilização do trabalho não é homogêneo e, do ponto de vista de gênero, opera sob a ideologia naturalista da divisão sexual do trabalho. Isso significa dizer que cada gênero desempenha uma função específica no processo produtivo, em que os homens são associados prioritariamente à esfera produtiva, a trabalhos socialmente mais importantes e reconhecidos. Por outro lado, as mulheres são encarregadas de papéis ligados à

⁷ Compreendemos identidade a partir da definição “a formação de múltiplas formas de ser que se sobrepõem e não eliminam uma ou outra e que são determinadas constantemente pelas relações sociais” (SALVAGNI, 2020, p. 575)

esfera reprodutiva - não remunerados - como o trabalho doméstico e o de cuidado, com base na justificativa de que elas seriam naturalmente afetuosas e maternais.

Contudo, é importante destacar que essa divisão de papéis tão rigidamente delimitados não se concretiza de forma homogênea entre as classes sociais. Para as mulheres pobres, racializadas e oriundas da classe trabalhadora, essa separação entre as esferas produtiva e reprodutiva não é possível, já que precisam garantir o sustento da casa ao mesmo tempo em que continuam responsáveis pelo cuidado e tarefas domésticas. No caso das mulheres pobres, esse enfrentamento assume o que Hirata e Kergoat (2008) descrevem como a prática de 'se virar', marcada pelo acúmulo de funções e pela necessidade de reorganizar o cuidado no interior das redes familiares e comunitárias, principalmente em famílias extensas, em que as tarefas são delegadas a outras mulheres, como filhas, avós e vizinhas. Assim, a divisão desigual do trabalho de cuidado é um fator decisivo para as diferenças no acesso e permanência no mercado de trabalho, tornando as mulheres mais vulneráveis às diversas formas de precarização do trabalho (Marcondes, 2012).

Além disso, as redes de ajuda, formadas majoritariamente por outras mulheres, remuneradas ou não, tornam-se fundamentais para que consigam exercer suas atividades laborais enquanto os filhos ou familiares permanecem sob o cuidado dessa rede (Cattanéo; Hirata, 2009; Guimarães, 2020). Essa dinâmica revela como as desigualdades de gênero, classe e raça se articulam e produzem hierarquias internas entre as próprias mulheres, mostrando que a flexibilidade, longe de representar emancipação, acaba, muitas vezes, reforçando essas desigualdades.

Considerando as desigualdades no acesso ao mercado de trabalho, o empreendedorismo feminino se apresenta como uma solução para que as mulheres conciliem o trabalho de cuidado e o produtivo, reforçando a ideia de que as jornadas flexíveis são benéficas e permitem atingir o equilíbrio entre essas duas esferas. Essa noção de equilíbrio corrobora com a ideia de que o cuidado é uma responsabilidade essencialmente feminina, perpetuando o trabalho doméstico como uma atividade invisível e desvalorizada, contribuindo assim para a manutenção dos papéis tradicionais de gênero, que atribuem às mulheres a responsabilidade pelas atividades de cuidado (Marcondes, 2012; Rottenberg, 2014).

Nesse cenário, o empreendedorismo tem sido apresentado para as mulheres como uma forma de conciliar as suas responsabilidades do trabalho de reprodução social, que tradicionalmente assumem, com as demandas do trabalho remunerado. A

mídia desempenha um papel central na posituação dessa atividade, visto que constantemente promove e exalta exemplos de mulheres bem sucedidas, que ocupam cargos de alto escalão ou fundam sua própria empresa, ao mesmo tempo em que são mães, chefes de famílias, esposas, justamente com o intuito de reforçar o estereótipo de uma mulher multitarefa que consegue conciliar todas essas demandas sem grandes dificuldades (Acquaro, 2018).

Mesmo que o empreendedorismo ofereça a promessa de conciliar essas demandas, essas mulheres, em muitos casos, enfrentam jornadas exaustivas e desprovidas de direitos trabalhistas, como salário fixo, férias ou décimo terceiro. Os rendimentos costumam ser menores e irregulares, chegando a receber 20% a menos que os homens (Agência Brasil, 2024), uma vez que elas não conseguem se dedicar integralmente ao negócio devido à necessidade constante de administrar também as tarefas domésticas não remuneradas. Concomitantemente a isso, o processo de tornar-se empreendedor de si pode exigir uma “mobilização total” do indivíduo, enfraquecendo as fronteiras entre a vida privada e o trabalho, além de suprimir a relação salarial e os direitos trabalhistas. Nesse sentido, o empreendedorismo é “uma nova forma de exploração capitalista, cuja característica mais fundamental é a individualização e a subjetivação dos controles que organizam a vida social” (Machado da Silva, 2002, p. 101).

O documento “Panorama do Empreendedorismo Feminino no Brasil” (Governo Federal, 2024) evidencia que o empreendedorismo ocupa um papel central nas políticas públicas voltadas à geração de emprego e renda, sendo apresentado como elemento essencial para o desenvolvimento econômico e a produção de riqueza. O texto demonstra como a ideologia empreendedora tem se consolidado no contexto nacional, orientando a formulação de políticas que associam o incentivo ao empreendedorismo à promoção da igualdade de gênero, ao empoderamento econômico das mulheres, à inclusão financeira e à redução das disparidades no mercado de trabalho. Assim, o empreendedorismo é mobilizado como instrumento para se alcançar maior igualdade salarial, de equidade nas equipes e de criação de benefícios direcionados às mulheres, reafirmando sua centralidade na agenda econômica e social do país.

2. TRAJETÓRIAS DAS EMPREENDEDORAS

Descreveremos brevemente, a seguir, o perfil de cada uma das entrevistadas e, na sequência do texto, buscaremos evidenciar convergências e divergências sobre a experiência de ser uma mulher empreendedora, buscando compreender quais subjetividades têm sido formadas nessa cultura do trabalho pautada no empreendedorismo. Nas entrevistas, buscamos reconstituir a trajetória de trabalho dessas mulheres para compreender quais foram as motivações que as aproximaram do empreendedorismo e como tem sido essa experiência.

É importante destacar que a categoria “empreendedora” apareceu como uma categoria nativa, acionada pelas próprias entrevistadas em suas autodefinições. Em diferentes momentos das entrevistas, elas utilizavam espontaneamente expressões como “meu empreendimento”, “sou empreendedora”, “trabalho com empreendedorismo” ou “decidi empreender”, indicando que esse termo organiza tanto a forma como narram suas trajetórias quanto a maneira pela qual interpretam suas práticas de trabalho. Esse processo de identificação pode estar relacionado ao fato de que todas participavam, de algum modo, de circuitos empreendedores, fossem feiras, grupos de formação, eventos ou consumiam recorrentemente conteúdos voltados ao empreendedorismo nas redes sociais.

Maria, a primeira entrevistada, de 28 anos, formada em Ciências da Computação, relata que ao se formar não se identificou com a área, além de ter enfrentado dificuldades para encontrar oportunidades de trabalho em sua cidade. Sua trajetória foi marcada por uma inserção precoce no trabalho e pela experiência no comércio, já que desde os 14 anos ajudava seus pais no comércio da família. Ao terminar a faculdade, ela decidiu começar o próprio negócio, uma papelaria voltada à produção de personalizados, que se iniciou dividindo o espaço com a loja dos pais. Antes disso, trabalhou em diversas ocupações, como garçonne, entregadora de panfletos, professora de curso de design, social media, vendedora e auxiliar administrativa, experiências que a fizeram decidir pelo empreendedorismo, buscando alcançar uma maior autonomia.

Ela afirma que prefere ter o próprio negócio porque, apesar da sobrecarga, sente que “está fazendo para si mesma”, isto é, que seu esforço é direcionado à construção de algo do qual é proprietária e que, no futuro, pode lhe proporcionar maiores lucros e reconhecimento do que um emprego formalizado. Ao mesmo tempo, reconhece que a responsabilidade integral pela empresa gera insegurança e

instabilidade, uma vez que ainda não consegue obter uma remuneração fixa suficiente para cobrir suas despesas pessoais, recorrendo, por isso, ao apoio financeiro de sua família.

Durante a pandemia, precisou assumir também a gestão da loja dos pais, o que reforçou seu vínculo com o negócio familiar e a motivação de continuar empreendendo como forma de sustento coletivo. Sua empresa, classificada como microempreendimento⁸ (MEI), expressa uma continuidade geracional do trabalho familiar e, ao mesmo tempo, um esforço de afirmação individual. A trajetória de Maria revela, assim, como o empreendedorismo se constrói na intersecção entre necessidade econômica, herança familiar e desejo de autonomia, evidenciando os limites dessa liberdade diante da sobrecarga e da instabilidade que marcam o cotidiano das pequenas empreendedoras.

Débora, 37 anos, parda, casada e mãe de uma menina, com ensino médio completo, iniciou seu empreendimento de acessórios artesanais em 2018. Seu trabalho é marcado por uma rotina instável e intensamente flexível: ela costuma trabalhar de três a quatro dias por semana, em média três horas por dia, mas, quando surgem encomendas, pode dobrar a carga horária para atender os prazos. Não possui um horário fixo, pois seu ritmo depende da demanda, e relata que, por vezes, precisou trabalhar durante a madrugada para concluir os pedidos, como exemplifica ao dizer: “A oportunidade faz o ladrão, né? Você tá ali, você precisa entregar.” Essa lógica demonstra como a flexibilidade, embora aparente liberdade, está vinculada à necessidade de garantir renda e manter o fluxo de produção.

Trabalhar em casa, para Débora, representa um desafio constante, na tentativa de conciliar as esferas produtiva e reprodutiva. Ela conta que enfrenta grande dificuldade em separar o tempo e o espaço do trabalho das demandas domésticas, pois, frequentemente, interrompe a produção dos acessórios para realizar tarefas do cuidado com a casa ou com a filha. Essa dinâmica, segundo ela, impede a consolidação de uma rotina estável e intensifica o sentimento de sobrecarga. Na tentativa de minimizar essa sobreposição, passou a integrar, recentemente, uma loja

⁸ MEI: Microempresa Individual. Refere-se a uma categoria jurídica criada para formalizar trabalhadores por conta própria com faturamento anual de até R\$ 81 mil, permitindo atuação com tributação simplificada, possibilidade de emissão de nota fiscal e acesso a alguns benefícios previdenciários mediante pagamento mensal fixo de impostos.

colaborativa, buscando um ambiente que favorecesse a concentração e delimitasse melhor as fronteiras entre trabalho e vida doméstica.

Apesar de reconhecer a importância do empreendedorismo para sua autonomia financeira, já que a renda obtida lhe permite arcar com gastos pessoais sem comprometer a renda familiar, a experiência de Débora expressa o peso das contradições dessa escolha. Ela relata que a dedicação intensa ao trabalho, necessária para garantir resultados, a distância da filha, gera um sentimento de culpa, evidenciando o dilema entre a exigência de produtividade e o ideal de maternidade presente em sua experiência: “Eu tenho que trabalhar, trabalhar, trabalhar pra conseguir o dinheiro pra viajar. Ótimo. Mas aí eu não vou ver minha filha crescer.”

A sua motivação para empreender está ligada à maternidade. Foi ao perceber a demanda por acessórios infantis, após o nascimento da filha, que começou a produzir e vender esses produtos, primeiro para conhecidas e, posteriormente, expandindo as vendas com o uso do Instagram. Sua trajetória ilustra como o trabalho por conta própria, embora associado a uma busca por autonomia, se insere em uma rede complexa de expectativas de gênero, cuidado e desempenho, que delimita e redefine continuamente os sentidos de liberdade e realização no trabalho.

Helena é uma mulher branca de 31 anos, casada e mãe de um filho. Formada em Pedagogia pela UNESP (Universidade Estadual Paulista), afirma que, embora tenha escolhido o curso por afinidade, nunca se viu atuando na área. Desde muito jovem, o comércio esteve presente em sua vida, resultado de uma trajetória familiar marcada pela venda como principal forma de sustento. Ela começou a trabalhar aos quatorze anos, em diferentes ocupações, passando por faxina, estágio e comércio formal. Durante a faculdade, viu-se sem bolsa e precisou encontrar alternativas para se manter. Foi nesse contexto que começou a vender semijoias de porta em porta, aos dezoito anos, e percebeu que as vendas poderiam se tornar seu caminho profissional.

Em 2017, aos vinte e quatro anos, inaugurou sua primeira loja física de acessórios femininos. O empreendimento cresceu gradualmente e, com o tempo, passou a contar com uma funcionária fixa e com o apoio do marido, responsável pela parte administrativa e financeira. A trajetória, no entanto, foi marcada por obstáculos. Durante a pandemia de 2020, Helena precisou fechar as portas do negócio, vendendo apenas online. Somente em 2021, com a ajuda de empréstimos familiares, conseguiu reabrir sua loja. Essa experiência a fez refletir sobre as dificuldades enfrentadas por

pequenos empreendedores e sobre a ausência de políticas públicas de incentivo, como a redução de impostos ou o acesso a crédito com juros mais baixos. Em sua percepção, ainda há uma visão negativa sobre o empreendedor, como explica: “O empresário sempre parece ser o vilão da história. Ele emprega, paga férias, mas parece que está massacrando o funcionário, e não é bem assim.”

Com o passar dos anos, conseguiu reconstruir sua loja e consolidar seu espaço no comércio local, hoje enquadrado como microempresa. Ela descreve o ato de empreender como uma combinação de necessidade e vocação: começou por necessidade financeira, mas permaneceu por amor ao que faz. Para ela, empreender significa liberdade: a possibilidade de gerir o próprio tempo e definir o próprio ritmo de trabalho. Ainda assim, reconhece que essa liberdade tem um custo, pois os rendimentos variam de mês a mês e é preciso estar constantemente se reinventando para enfrentar os períodos de baixa.

Ela relata que a solidão vivenciada no empreendedorismo a levou a criar o grupo “Empreendedoras Cristãs”, destinado a mulheres da cidade que enfrentam desafios semelhantes aos seus. A iniciativa busca oferecer acolhimento, troca de experiências e orientação espiritual, unindo fé e trabalho como formas de pertencimento coletivo. Ao falar sobre o grupo, Helena destaca o desejo de levar a palavra de Cristo e, ao mesmo tempo, de conectar mulheres que passam pelas mesmas dificuldades que ela vivenciou no início de sua trajetória.

Joana, mulher branca de 47 anos, é mãe de dois filhos adolescentes e trabalha no comércio de roupas desde os 14 anos. Começou ajudando na loja de sua mãe, que mais tarde herdou, juntamente com as dívidas do negócio. Formada recentemente em Publicidade, após ter concluído o ensino médio há muitos anos, ela relata que o percurso até estabilizar o empreendimento foi longo e desafiador: foram cerca de sete a oito anos até conseguir quitar as dívidas bancárias e familiares. Atualmente, Joana administra três lojas, duas em São Carlos e uma em Araraquara, e emprega oito pessoas, configurando-se como uma empresária de pequeno porte.

Ela ressalta que não escolheu ser empreendedora, mas foi “escolhida” pela necessidade de dar continuidade ao negócio da família, especialmente após a doença de sua mãe, que fez da loja o principal meio de subsistência. Ao narrar sua trajetória, destaca a importância da rede de apoio, sobretudo do marido, servidor concursado da EMBRAPA, cujo salário permitiu que o lucro da loja fosse reinvestido no pagamento das dívidas e na expansão do negócio. Sua trajetória evidencia uma

percepção compartilhada pelas demais empreendedoras: o início do empreendimento demanda suporte financeiro e emocional, um “colchão” que garanta estabilidade até que o negócio se sustente.

A história de Joana evidencia a ambiguidade do empreendedorismo feminino: embora seja frequentemente apresentado como expressão de autonomia e superação individual, sua experiência revela que a continuidade do negócio dependeu, em grande medida, da presença de redes de apoio. O trabalho remunerado do marido e o suporte familiar foram, segundo ela, essenciais tanto para quitar as dívidas herdadas da mãe quanto para manter e possibilitar o crescimento do empreendimento, fatores que raramente aparecem nas narrativas do empreendedorismo, as quais tendem a representar o sujeito como independente de suas relações pessoais.

Érica, mulher branca de 58 anos, casada e mãe de dois filhos, começou a empreender aos 20 anos e construiu uma trajetória marcada por múltiplas experiências e reinvenções. Desde 1988, passou por diferentes ramos de atividade: abriu uma loja de roupas, trabalhou com turismo e eventos em hotéis, fundou uma agência de viagens, administrou uma cafeteria em São Carlos, atuou como fotógrafa e manteve um armazém de produtos artesanais. Sua entrada em cada novo negócio esteve sempre relacionada a necessidades e interesses pessoais, vendia o que sentia falta no mercado local ou aquilo de que gostava. Essa disposição em transformar demandas cotidianas em oportunidades de negócio evidencia uma postura empreendedora profundamente integrada à sua vida pessoal.

Atualmente, é microempreendedora individual e organiza uma feira de vendas na cidade, atividade que reúne diferentes pequenos negócios e artistas locais. Seu escritório funciona em casa, de onde realiza virtualmente todas as etapas de organização do evento, deslocando-se presencialmente apenas nos dias de realização da feira. Ela conta com o apoio dos filhos: a filha é responsável pela publicidade e o filho auxilia na montagem e logística, além de contratar profissionais como fotógrafos, músicos e DJs. Por possuir uma limitação de locomoção, essa rede de apoio é fundamental para a continuidade do trabalho.

A partir de sua experiência, compreende o empreendedorismo como um modo de vida em que as fronteiras entre trabalho e lazer se tornam cada vez mais tênues. Ela relata que “até um almoço ou um show podem virar oportunidades de venda”, descrevendo o que chama de “a raiz do empreendedorismo”: a total imersão na lógica

do trabalho, onde toda interação pode se transformar em negócio. Ao mesmo tempo, reconhece as dificuldades dessa trajetória, especialmente a instabilidade financeira que acompanha o trabalho autônomo: “passei a vida inteira sofrendo, um mês com dinheiro, um mês sem dinheiro”.

Para ela, empreender significa liberdade, a ausência do patrão e a flexibilidade de horários, mas também exige assumir múltiplas funções e responsabilidades. Ser empreendedora é ser administradora, vendedora, social media e gestora financeira ao mesmo tempo. Nesse percurso, o apoio familiar aparece como essencial, não apenas no aspecto prático e financeiro, mas também emocional, já que, segundo ela, o empreendedorismo é um trabalho solitário e desgastante. Sua trajetória evidencia, assim, como o empreendedorismo pode representar, simultaneamente, autonomia e vulnerabilidade, realização e exaustão, especialmente quando o trabalho se confunde com a própria vida.

Carla, mulher branca de 27 anos, é casada e mãe de duas filhas. Formada em Gerontologia, iniciou sua trajetória profissional no mercado formal, trabalhando por três anos como vendedora com carteira assinada. Durante esse período, relata ter vivido momentos de intenso estresse, o que culminou em um quadro de depressão e ansiedade. Precisou ser afastada diversas vezes, pois dependia de medicamentos para dormir e de ansiolíticos para conseguir cumprir a rotina de trabalho. Como conta, ficava afastada por dois ou três meses, retornava por cerca de quinze dias e precisava se afastar novamente, situação que se prolongou por quase dois anos.

Em 2021, durante a gestação de sua segunda filha, decidiu mudar de área e começou a atuar como designer de sobancelhas em clínicas de estética, até abrir o próprio espaço em 2024. Seu empreendimento, registrado como Microempreendedora Individual (MEI), representa, para ela, uma tentativa de conciliar o trabalho produtivo com as demandas do cuidado materno, algo que considerava inviável em sua antiga rotina CLT.

A decisão de empreender surgiu após um episódio em que precisou faltar ao trabalho para levar a filha doente ao médico e foi repreendida pelo chefe, o que a fez repensar as limitações impostas pelo trabalho formal. A partir daí, passou a valorizar a flexibilidade de poder organizar a própria agenda e estar presente nas tarefas de cuidado, mesmo reconhecendo que essa liberdade vem acompanhada de uma carga de trabalho intensa e pouco delimitada. Como define, “eu não delimito minhas horas de trabalho porque eu trabalho infinito”.

Carla descreve o empreendedorismo como uma rotina sem fim, em que as tarefas vão muito além do atendimento: é preciso cuidar das redes sociais, buscar clientes e administrar o negócio, o que torna difícil separar o tempo de trabalho e de descanso. Apesar da sobrecarga e da instabilidade financeira, ela reconhece que sua permanência no empreendedorismo só é possível porque a renda familiar não depende exclusivamente de seu faturamento mensal. Em suas palavras, “Minha casa não depende de mim, é mesmo pra pagar as contas grossas, sabe? Então, se eu precisasse pagar todas as contas grossas de casa, talvez eu optasse por não empreender. Porque daí eu não tenho um fixo, né”.

Sua trajetória expressa as contradições do empreendedorismo feminino: ao mesmo tempo em que possibilita autonomia e flexibilidade diante das responsabilidades familiares, impõe jornadas extensas e incertezas financeiras, revelando como o trabalho por conta própria se torna uma estratégia de adaptação às condições desiguais de conciliação entre o cuidado e o sustento.

Laura, mulher negra de 32 anos, é casada e não tem filhos. Possui ensino superior incompleto e atua como cabeleireira, sendo proprietária de uma microempresa fundada em 2022. Sua trajetória profissional começou aos 18 anos, em um supermercado, experiência que descreve como traumática. Depois disso, passou por diversos trabalhos, loja de roupas, cuidadora de idosos, jovem aprendiz no SESC (Serviço Social do Comércio) e estagiária em escritório, mas nunca permaneceu por muito tempo em cada um, pois sentia insatisfação com o ritmo e a rotina desses empregos.

O ponto de virada em sua trajetória ocorreu quando começou a trabalhar como designer de sobrancelhas em um salão, onde teve a oportunidade de fazer o curso de cabeleireira. Ela conta que só conseguiu pagar o curso porque sua chefe lhe emprestou o dinheiro, algo que reconhece como determinante para sua profissionalização: “Se eu não tivesse oportunidade de alguém me estender uma mão e me ajudar, eu não conseguiria ser cabeleireira. Porque jamais eu teria esse dinheiro”.

Após anos de experiência como ajudante e cabeleireira associada, Laura decidiu abrir seu próprio salão. A motivação principal foi o desejo de controlar sua rotina de trabalho e preservar o próprio bem-estar, especialmente por conviver com fibromialgia, condição que torna o trabalho físico exaustivo e requer um ritmo mais flexível. Como afirma, “eu tinha um entendimento que eu não queria adoecer

trabalhando, porque o trabalho é uma micro parte da minha vida”. Assim, ela organiza sua semana em uma escala de quatro dias de trabalho e três de descanso, embora, nos dias trabalhados, estenda a jornada por até dez horas.

Para Laura, o empreendedorismo exige o exercício de múltiplas funções: além de atender clientes, é preciso ser também administradora e social media, já que “quem não está na internet acaba sendo prejudicado”. Ela reconhece, contudo, que o desafio não se limita à gestão das tarefas, mas também à dimensão simbólica de se reconhecer enquanto chefe. Por ser uma mulher negra, relata que foi socializada em uma posição de subordinação e, por isso, tem dificuldade em se colocar no papel de liderança sem sentir que está explorando alguém. Com o tempo, vem aprendendo a delegar tarefas e compreendendo que garantir condições dignas de trabalho também é uma forma de romper com esse histórico de exploração. Essa consciência aparece em sua escolha de registrar sua funcionária: “Eu não queria que quem trabalhasse comigo passasse algo que eu passei, que é uma sensação de que você é explorado, sabe? Então eu prezo muito isso”.

Laura entende o empreendedorismo como um espaço de emancipação, especialmente para mulheres negras, pois “decidir sobre o próprio trabalho é um grande privilégio”. No entanto, sua trajetória também revela as contradições dessa autonomia. Ela relata ter enfrentado um burnout no último ano devido à sobrecarga de trabalho, e ainda lida com dificuldades de organização financeira, já que as contas pessoais e empresariais se misturam e sua renda é instável, principalmente nos períodos em que precisa se ausentar por questões de saúde. Nesses momentos, conta com o apoio do companheiro, cuja renda mais estável ajuda a equilibrar as finanças. Sua história expressa a busca por autonomia e dignidade no trabalho, sem perder de vista a importância do cuidado com o corpo e das relações de solidariedade que tornam possível empreender em condições adversas.

Giovana, mulher amarela de 30 anos, casada e sem filhos, é ilustradora de aquarela e microempreendedora individual. Doutora em Química, ela relata que a decisão de empreender surgiu após um período de burnout durante o doutorado, quando se sentiu desmotivada com o cenário da pesquisa científica no Brasil. Após concluir a formação, decidiu fazer uma pausa e retomou o hábito de desenhar, atividade que sempre a acompanhou. Ao perceber a existência de um mercado para ilustração, decidiu transformar o hobby em trabalho, iniciando sua trajetória empreendedora em 2023.

Sem experiências anteriores de trabalho formal, sua transição direta da academia para o empreendedorismo representou uma mudança significativa. Para Giovana, o trabalho autônomo oferece liberdade e a possibilidade de organizar os próprios horários, mas também traz uma carga de responsabilidade intensa. Como ela aponta, “se tudo der errado, não tem para quem botar a culpa. A culpa foi minha, porque sou só eu responsável pelo meu negócio”, evidenciando um processo de individualização das responsabilidades e dos riscos.

Ela destaca que a assistência do marido é fundamental para que seu empreendimento continue funcionando, pois, como as contas da casa não dependem da sua renda, consegue investir na ilustração sem comprometer a estabilidade da vida pessoal. Essa condição permite que experimente novos caminhos e invista em materiais e divulgação, mesmo diante da instabilidade típica do trabalho autônomo.

Trabalhando em home office, Giovana sente, com frequência, a solidão do trabalho autônomo e a dificuldade de separar as fronteiras entre casa e trabalho. O ateliê, que divide espaço com a lavanderia, simboliza essa sobreposição: “tô pintando e às vezes a máquina aqui tá rodando, né? E aí eu tô pintando, a máquina pára, eu falo, ah, preciso estender a roupa”. Essa convivência entre tarefas domésticas e profissionais reflete o borramento dos limites entre o produtivo e o reprodutivo.

Sua principal dificuldade está na instabilidade das encomendas, que varia mês a mês, afetando diretamente sua renda. Além disso, Giovana relata que o empreendedorismo transforma toda a vida em extensão do trabalho. O uso das redes sociais é um exemplo disso: para manter engajamento e atrair clientes, sente-se compelida a compartilhar aspectos de sua vida pessoal, de modo que “tudo vira marketing também, a sua vida pessoal vira marketing”. Assim, para ela, empreender é, ao mesmo tempo, conquistar liberdade e lidar com uma rotina de constante exposição, autogestão e insegurança.

Olívia, mulher branca de 27 anos, casada e sem filhos, é artista visual independente e microempreendedora individual. Formada em marketing digital, trabalha em home office com ilustrações, comercializando suas produções tanto de forma online quanto em feiras locais. Ela começou a trabalhar com ilustrações em 2016, conciliando essa atividade com o emprego formal, até ser demitida durante a pandemia, em 2020. Nesse contexto, tornou-se MEI e decidiu se dedicar integralmente ao trabalho artístico, especialmente porque seus pais são idosos e ela queria evitar o risco de contaminação por COVID-19 em empregos presenciais.

Sua trajetória é marcada por uma longa relação com o trabalho e com o universo do empreendedorismo. Desde os 16 anos, realiza diferentes atividades, como garçoneiro, estagiária e funcionária em uma faculdade, experiências que a acompanharam até o ensino superior. Ela relata que cresceu em uma família de empreendedores: seu pai era marceneiro e sua mãe trabalhava com costura e confecção de doces. Essa vivência, segundo ela, despertou desde cedo um “espírito empreendedor”, que se consolidou na decisão de transformar sua arte em negócio.

Para Olívia, o empreendedorismo representa liberdade e autonomia, a possibilidade de tomar suas próprias decisões e organizar o próprio tempo. Ela valoriza poder estabelecer seus horários e se permitir descansar quando a criatividade não flui, entendendo que “não é preciso se matar de trabalhar para ter sucesso”. Ela discorda da visão amplamente difundida nas redes sociais de que o empreendedor deve estar sempre trabalhando como prova de esforço e dedicação. Para ela, é essencial “agir como um trabalhador comum”, delimitando os horários de trabalho e respeitando o próprio tempo, já que o uso constante do celular facilita a sobreposição entre vida pessoal e profissional. Ao mesmo tempo, reconhece que a rotina é exigente: trabalha todos os dias da semana há meses, especialmente devido à participação em feiras, o que a tem afastado de momentos de lazer com amigos e familiares.

Apesar disso, também enfrenta dificuldades com a instabilidade da renda e a desvalorização do trabalho artístico. O alto custo dos materiais e equipamentos também é um obstáculo à expansão do negócio, reduzindo sua margem de lucro. Além disso, ela precisa assumir todas as funções da empresa, desde a criação artística ao controle financeiro, à gestão das redes sociais e à participação nas feiras, o que intensifica sua carga de trabalho.

A rede de apoio tem papel central em sua trajetória. Expressa que seu companheiro é fundamental, ajudando-a nas feiras com as vendas e o atendimento, o que permite que ela se concentre nas ilustrações. Como as despesas da casa não dependem exclusivamente de sua renda, Olívia consegue enfrentar os períodos de baixa remuneração sem comprometer sua estabilidade pessoal. Essa segurança, somada a possibilidade de trabalhar com algo que gosta, faz com que perceba no empreendedorismo um espaço de possível autonomia, mesmo que permeado de incertezas e sobrecarga.

Luísa, mulher branca de 43 anos, casada e mãe de dois filhos, possui ensino médio completo e atua como microempreendedora na área de beleza desde 2004. Sua trajetória laboral começou como babá da filha de uma manicure, com quem aprendeu a profissão, realizando unhas de forma amadora na casa das clientes. Posteriormente, fez curso de manicure, mas precisou trabalhar como doméstica por três anos para ajudar no sustento da família. Depois, foi contratada como assistente em um salão, onde passou a atender clientes como manicure e recebia por comissão. Quando o salão fechou, Luísa alugou uma sala e começou a trabalhar por conta própria.

O trabalho na área da beleza trouxe consequências físicas ao longo da carreira. Luísa relata ter desenvolvido bursite e tendinite devido aos movimentos repetitivos da profissão, e, frequentemente precisou, atender sentindo dores. Durante as duas gestações, manteve sua rotina de trabalho, tirando apenas um mês de licença maternidade e levando os filhos ao salão, contando com uma babá para cuidar deles enquanto atendia as clientes.

A flexibilidade de horários é, para ela, a principal vantagem do empreendedorismo. Esse controle permite organizar sua agenda conforme a demanda de clientes, trabalhar mais em determinados dias e menos em outros, conciliando o cuidado com os filhos e as tarefas domésticas. Como ela aponta, “sendo registrado, você tem horário para cumprir, então esse negócio de horário para cumprir, acho que eu não daria mais conta”. Além da flexibilidade, a remuneração também foi um fator decisivo para empreender. Ao se tornar microempreendedora, Luísa passou a ter ganhos superiores aos recebidos por comissão nos salões, consolidando o empreendedorismo como uma estratégia para conciliar autonomia e sustento familiar.

3. MOTIVAÇÕES PARA EMPREENDER

Este capítulo examina as motivações que levam as entrevistadas a ingressar no empreendedorismo, com ênfase nos significados atribuídos à liberdade e à autonomia, valores amplamente mobilizados nos discursos que legitimam essa prática. A análise busca tensionar essas noções, confrontando-as com as experiências concretas narradas pelas mulheres, que revelam limites, contradições e condições específicas que moldam suas escolhas. Para isso, o capítulo está organizado em seções que discutem tanto os sentidos subjetivos atribuídos ao ato de empreender quanto às circunstâncias sociais, econômicas e familiares que permeiam sua adesão a essa forma de trabalho.

3.1 Liberdade e Autonomia no contexto empreendedor

As trabalhadoras atribuem diversos significados ao empreendedorismo, ultrapassando a tradicional dicotomia entre “necessidade” e “oportunidade”. As narrativas revelam que suas motivações são diversas e atravessadas por dimensões subjetivas, familiares e sociais que não se reduzem apenas a essa classificação binária. Para elas, empreender pode significar a busca por autonomia, flexibilidade, reconhecimento e/ou a possibilidade de conciliar o trabalho produtivo e reprodutivo. Dessa forma, os sentidos atribuídos à prática empreendedora tornam-se múltiplos e complexos, o que ajuda a compreender a permanência e a aderência dessas mulheres ao empreendedorismo, mesmo diante das dificuldades e incertezas que enfrentam cotidianamente.

Compreender a adesão das trabalhadoras ao empreendedorismo exige considerar suas próprias percepções e interpretações sobre essa prática, indo além de uma leitura restrita à lógica da exploração. As narrativas das entrevistadas revelam que o engajamento ao trabalho por conta própria é atravessado por sentidos que mobilizam expectativas de autonomia, dignidade e a possibilidade de projetar um futuro melhor do que o presente. O empreendedorismo aparece, nesse contexto, também como uma alternativa às hierarquias presentes nas relações assalariadas e como uma tentativa de escapar de empregos formais precários, mal remunerados e desprovidos de reconhecimento.

Assim, embora o empreendedorismo esteja atravessado pela lógica neoliberal da responsabilização individual, ele também envolve formas de agência pelas quais

as mulheres constroem sentidos e estratégias diante de um mercado de trabalho que continuamente lhes nega estabilidade e mobilidade social. É nesse tensionamento, entre as condições estruturais que impulsionam a busca por alternativas de sobrevivência e as interpretações e práticas que as empreendedoras elaboram, que se produzem os significados e modos de engajamento que sustentam sua adesão ao empreendedorismo.

Ao serem questionadas sobre as motivações principais para abrir o próprio negócio, as entrevistadas apresentaram razões diversas, que vão desde necessidades econômicas até a busca por realização pessoal. Duas delas afirmaram ter empreendido para obter uma renda superior à que recebiam em empregos formalizados; três destacaram o desejo de trabalhar com atividades com as quais se identificam mais; outras três mencionaram a necessidade de conciliar o trabalho com as responsabilidades de cuidado; uma herdou o empreendimento da mãe e decidiu manter a tradição familiar; e outra ressaltou o desejo de gerir o próprio ritmo de trabalho. Contudo, essas motivações também se cruzam e se combinam em diversos dos casos.

Esses relatos evidenciam que as motivações para empreender são múltiplas e não se enquadram rigidamente na dicotomia entre “empreender por necessidade” e “empreender por oportunidade” (Acquaro, 2018; Nassif, 2009). Elas atravessam dimensões materiais e simbólicas, desde a continuidade de um negócio familiar à busca por autonomia frente à rigidez das jornadas assalariadas, passando pela tentativa de conciliar maternidade e trabalho e a tentativa de escapar de ocupações marcadas pela precariedade, como aquelas no setor de serviços de beleza.

Aliado a isso, as entrevistas evidenciaram que a percepção de autonomia e liberdade em relação ao próprio trabalho constitui o elemento central na legitimação, pelas próprias trabalhadoras, de uma atividade que elas mesmas reconhecem como instável (Rangel; Magaldi, 2023). Para as interlocutoras, a autonomia de organizar a própria agenda, de decidir sobre como e o que produzir, a ausência do chefe a quem reportar e a possibilidade de ter mais tempo para cuidar de si ou de seus familiares são alguns dos fatores que positivam sua atuação laboral por conta própria via empreendedorismo. O relato de Laura evidencia essa situação:

Eu sabia que, primeiro, eu queria trabalhar para mim mesma, para eu conseguir controlar a forma que eu trabalho e ser mais humanizado o meu trabalho. E, segundo, que eu queria respeitar meu corpo. Eu não queria ser igual essas minhas amigas que, tipo, não tem um fim de semana pra fazer

nada, que não consegue ver parente. [...] Então, de ser dona de si mesma, pelo menos sentir, em algum momento, que você consegue ser dona de si mesma e das suas escolhas. Isso foi muito importante pra mim, porque eu nunca fui... É isso, eu me sinto rebelde, vamos dizer assim, da sociedade. Eu nunca consegui lidar muito bem com isso de ser subordinada a alguém (Laura, cabeleireira, 32 anos).

É importante compreender que a autonomia possui uma noção ambígua e relacional, embora, em seu sentido normativo, esteja relacionada à autodeterminação e a capacidade do indivíduo organizar o próprio futuro segundo seus valores e interesses (Azaïs, 2012), no contexto das relações capitalistas, essa autonomia é limitada. No trabalho, ela não significa liberdade plena, mas sim uma forma restrita e condicionada de autodireção, subordinada às exigências do mercado, aos ritmos de produtividade (Rosenfield; Alves, 2011). As próprias empreendedoras reconhecem que essa autonomia é relativa e marcada por limites, mas, ainda assim, apontam que possuem certa capacidade de definir o ritmo e a forma de conduzir seu trabalho, como expressam Olívia e Débora:

Nada se compara também a eu conseguir tomar as minhas decisões, eu falar “isso aqui é legal de fazer isso aqui não é”, falando até de atendimento ao cliente a gente conseguir tomar a rédea ali, o cliente vai falar assim comigo ou não, eu vou atender em tal horário ou não. Então, eu acho que a gente conseguir ter esse respeito também com o nosso trabalho e fazer com que as pessoas entendam isso é uma coisa que dificilmente você vai conseguir trabalhando para outra pessoa, porque você está numa empresa, você está lá para seguir a ordem. Não é também “eu só faço o que eu quero, só atendo quem eu quero”, não é assim, mas a gente consegue impor limites com uma certa liberdade que a gente não tem trabalhando para outras pessoas (Olívia, Artista digital, 27 anos).

Eu acho que a flexibilidade de você fazer seus horários, de você determinar o que está em alta. Assim, falar assim, “ah, você é empreendedor pra trabalhar menos”. Não, você não vai trabalhar menos. Você vai trabalhar do jeito que você quiser, é diferente. Você vai fazer seus horários, você vai encaixar o que você precisa fazer com o seu dia, com as suas necessidades, com o que você precisa no momento (Débora, 37 anos, empreendedora no ramo de acessórios).

Nesse sentido, a autonomia não significa fazer o que quiser, quando quiser, mas sim ter a liberdade de conduzir o próprio trabalho segundo critérios e escolhas pessoais, seja ao decidir quais materiais utilizar, o que produzir ou vender, como organizar o processo produtivo ou em quais momentos trabalhar. Uma das vantagens apontadas pelas entrevistadas é poder respeitar o próprio tempo, sem a necessidade de cumprir horários fixos todos os dias. Quando não se sentem bem, seja física ou emocionalmente, podem interromper o trabalho e compensar em outro momento, como em finais de semana que seriam de folga. Essa flexibilidade é vivenciada como

uma forma concreta de liberdade no cotidiano, permitindo certa conciliação entre o trabalho e a vida pessoal, as falas de Olivia e Giovana retratam essa questão:

Então por exemplo, nada se compara a você estar tendo um dia ruim que você não necessariamente está com uma doença física ou um sintoma físico, mas você não está legal e falar “hoje eu vou dar um tempinho, amanhã eu continuo”. Porque, quando você trabalha em uma empresa, isso também não existe. Tipo assim, não estou legal da cabeça, a não ser que você esteja com sintoma físico, você vai trabalhar e você vai ter que viver esse dia ruim e tudo mais. Então essas coisas que empreender pode proporcionar também são muito importantes. Eu sinto que a minha saúde mental melhorou muito depois que eu saí do meu emprego CLT e comecei a trabalhar empreendendo porque eu consigo respeitar os meus limites. Nesse horário que eu já não estou conseguindo mais fazer, então amanhã a gente continua, e é uma liberdade que a gente não tem em um CLT, por exemplo (Olivia, Artista digital, 27 anos).

Então, eu acho que o empreendedorismo, não que você vai trabalhar menos, tanto que o pessoal brinca, né? Faz até meme referente a isso. Ah, vou empreender porque trabalha menos. Eu não vejo dessa forma, as vezes você trabalha até muito mais, só que você tem a possibilidade de trabalhar segundo as necessidades da sua agenda pessoal (Giovana, 30 anos, ilustradora digital).

Como aponta Giovana, a liberdade de organizar o dia a dia vem acompanhada, muitas vezes, da extensão da jornada de trabalho. Se em um emprego tradicional é comum o trabalho de 8 horas diárias, para as mulheres com negócio próprio isso se estende para 10 a 12 horas diárias, além do trabalho aos fins de semana, feriados e momentos que definiram como folga. Isso ocorre porque, ao serem responsáveis pelo próprio empreendimento, elas não realizam apenas a atividade fim, passam a ser responsáveis por múltiplas funções

Carla relata que, quando trabalhava como esteticista em um salão de beleza, realizava apenas o atendimento, já em seu empreendimento, além do atendimento, precisa cuidar da burocracia da empresa, do marketing de seu perfil no Instagram, estar constantemente envolvida na produção de conteúdo para atrair novas clientes, precisa fazer a contabilidade e as finanças, além da manutenção de seu estúdio. Nesse sentido, passou a acumular mais demandas e acaba trabalhando no período da noite, quando suas filhas já estão dormindo, para conseguir cumprir todas as obrigações do negócio.

Além disso, as entrevistadas relataram que o uso constante do celular faz com que os momentos de descanso e lazer sejam frequentemente invadidos pelo trabalho, já que o dispositivo as mantém conectadas ao empreendimento 24 horas por dia, sete dias por semana. Todas mencionaram a dificuldade de se desconectar, pois, mesmo fora do espaço físico de trabalho, continuam realizando atividades relacionadas ao

negócio, como editar fotos e vídeos, responder comentários e mensagens ou planejar roteiros de publicações que ainda serão postadas.

Essa conexão constante com o trabalho evidencia como a autonomia no empreendedorismo se materializa de forma ambígua: embora ofereça liberdade para organizar o tempo, também impõe uma lógica de disponibilidade permanente. No entanto, mais do que uma questão de tempo, a autonomia aparece também como um valor simbólico, associada a um sentimento de realização individual e dignidade no trabalho, expressando a valorização de “trabalhar para si” e a recusa em se submeter ao controle direto de um chefe, o que confere sentido e legitimidade à escolha pelo empreendedorismo, conforme evidencia Maria:

E quando você está em uma empresa... Principalmente as que eu trabalhei, normalmente você fica em uma posição mais estagnada e você tem que aguentar muitos abusos por parte do chefe e manter isso e ficar nisso porque você precisa daquele salário. E, às vezes, são coisas que você não concorda, que não tem a ver com seus princípios, não tem a ver com o que você pensa, mas você precisa porque você precisa do dinheiro [...] Então, tendo um próprio negócio, além de você poder, de certa forma, fazer os seus horários, por mais que isso não seja totalmente verdade, porque ainda você tem que cumprir com o mesmo horário comercial para poder ter o lucro, ainda assim você tem uma liberdade maior de conseguir conciliar os horários. Caso você fique doente, caso você precise ter alguma licença, alguma coisa assim, você conseguiria sendo um empreendedor. E no emprego fixo não, principalmente os que eu tive contato, não tinha essa liberdade (Maria, proprietária de uma papelaria, 28 anos).

Outro fator que as mantém engajadas no empreendedorismo é a percepção de que ao trabalharem para si estão construindo um futuro melhor do que o presente. Para elas isso está associado, em muitos casos, a uma trajetória que sempre foi marcada por empregos precários, mesmo quando formalizados. Nesse sentido, o trabalho formalizado não necessariamente representou a conquista de dignidade, liberdade, altas remunerações, e sim experiências precárias, e como elas indicam, situações de conflitos com as figuras como gerentes e chefes. Ou seja, mesmo diante das longas jornadas de trabalho, as baixas remunerações, o acúmulo de funções, e, em alguns casos, até o desenvolvimento de doenças como bursite e tendinite, associadas aos movimentos repetitivos, além do esgotamento físico e mental, elas relataram que estão satisfeitas em serem suas próprias patroas, conforme aponta Débora:

Eu prefiro ser empreendedora mesmo que às vezes a renda mude. Tem mês que você ganha mais, tem mês que você ganha menos. Mas aí você se reinventa. O que você pode fazer para aumentar a sua receita naquele mês? Ah, vou fazer isso que vai [...] E também você está trabalhando pra você,

you. Está fazendo o que você gosta. Quantas pessoas hoje trabalham fazendo o que gostam? São poucas. Você faz pelo dinheiro, às vezes você está numa profissão por conta do slrio que aquela profissão te oferece, mas você nem gosta daquilo ali. Já aqui não, eu sei que, se eu fizer uma dvida, eu consigo aumentar a minha renda, não importa que eu tenha que virar  noite, agora no outro você vai se esforçar, você vai conseguir? Não. Então, você está nadando, nadando pra morrer na praia (Débora, 37 anos, empreendedora no ramo de acessórios).

Esse relato foi compartilhado por outras entrevistadas, que acreditam que, ao se dedicarem intensamente, têm a possibilidade de aumentar suas remuneraes, ao contrário do trabalho CLT, no qual o esforço adicional não se reflete em ganhos extras. Essa percepção revela que, no empreendedorismo, existe a promessa de que os sacrifícios e as longas jornadas realizadas ao longo do tempo serão, eventualmente, recompensados. No entanto, a motivação das empreendedoras não se limita  perspectiva de renda, uma vez que muitas ainda não conseguem garantir uma remuneração fixa. Para elas, a autonomia e a liberdade proporcionadas pelo trabalho constituem elementos centrais de satisfação e realização, como evidencia o relato de Maria:

Porque, como eu disse, às vezes eu não consigo atingir esse valor de ter o slrio. Por exemplo, assim, o slrio que eu gostaria, n? Mas eu tenho um... Como eu disse, um valor menor. Assim, não  estabilizado. Em determinado mês, eu posso receber mil reais de slrio. E aí, em outro ms, eu posso receber um valor maior porque eu consegui atingir aquilo l. E aí se eu tivesse um CLT eu não teria o slrio maior, eu teria são o slrio... O slrio fixo sempre (Maria, proprietária de papelaria, 28 anos).

3.2 Empreendedorismo, sobrecarga do trabalho e remuneração

O fato de investirem recursos em empresas próprias gera preocupações que, por vezes, intensificam o estresse. Isso ocorre porque as interlocutoras percebem que o sucesso ou fracasso do empreendimento depende diretamente de seu esforço individual, sem que, em nenhuma entrevista, tenham sido mencionadas as condições econômicas, políticas ou sociais como fatores que influenciam o cenário dos negócios. Para as empreendedoras que contam com funcionários, a preocupação em gerar renda suficiente para pagar os slrios  constante, como evidencia Joana:

 igual eu te falei,  uma preocupação sempre, sempre, porque você se preocupa com pagar o fornecedor, pagar o funcionário e com o cliente também. Chegou um momento que eu precisei dar uma pausa porque esse ritmo que eu fui entrando aqui não dava mais, claro, eu consegui essa pausa agora porque a empresa já estava bem consolidada, eu já tinha conseguido pagar as dvidas da minha mãe, mas assim, eu te falo que não custou são dinheiro não, custou muito da minha cabeça também (Joana, dona de loja de roupa, 47 anos).

Por outro lado, as empreendedoras que não dispõem de funcionários, em razão da baixa rentabilidade de seus negócios, são obrigadas a assumir múltiplas funções que vão além da atividade principal. Além de desempenharem o trabalho fim, precisam cuidar das finanças, da gestão, das redes sociais, da produção de conteúdo, da fotografia, da edição de vídeos, da limpeza do espaço de trabalho e da compra de materiais, entre outras tarefas. Esse acúmulo de responsabilidades, combinado com a necessidade constante de aprender novas habilidades para suprir a ausência de profissionais qualificados, resulta em elevados níveis de estresse para essas empreendedoras. Como sintetiza Érica, a extensão da jornada de trabalho está diretamente relacionada à execução de múltiplas funções, evidenciando que abrir um empreendimento vai muito além de realizar a atividade principal:

Tem muita gente que acha que porque sabe fazer uma coisa deve empreender. É, tipo, eu sou uma doceira, sei fazer doce e por isso vou montar uma loja de doces. Mas não é bem assim, você tem que ser administradora também, então isso é muito difícil, porque você tem que ser publicitária também, você tem que ser fotógrafa, você tem que ser tudo e isso é uma exigência muito grande. Então, como você ganha pouco, você não tem como contratar ninguém pra fazer, você tem que fazer tudo, então por isso que às vezes você vai até de noite (Débora, 37 anos, empreendedora no ramo de acessórios)

Muitas relataram que, para garantir o funcionamento do empreendimento e a manutenção da renda, acabam renunciando a férias, lazer e convívio social, a ausência de um único dia pode comprometer os resultados do mês. Como o negócio depende integralmente de sua presença, as entrevistadas dizem abrir mão das folgas e do descanso para dar conta das demandas, como sintetiza o relato de Olivia:

Desde que eu comecei a fazer evento, é muito difícil eu ter fim de semana para fazer as coisas. Então, no fim de semana, que é normalmente o dia que todo mundo está livre podendo sair, passear, as pessoas fazem as suas festas, as suas coisas, enfim, normalmente é um dia que eu não consigo ir, então eu sinto que eu perdi muito nesse sentido. Às vezes, está todo mundo lá, todo mundo se divertindo e eu estou trabalhando. Só que eu não posso não ir para as feiras, é de lá que vem a maior parte da minha renda, os meses que eu não vou, eu sinto a diferença no final do mês no rendimento, então é uma coisa que eu preciso abrir mão do final de semana pra aumentar os meus ganhos (Olivia, artista digital, 27 anos).

Nesse sentido, elas demonstram uma associação da renda com nível de dedicação ao empreendimento: não basta trabalhar no horário estabelecido, é preciso ter um nível de entrega total para conseguir fechar as contas ao final do mês, corroborando assim para uma mobilização total do indivíduo, que passa a extrair cada vez mais de si mesmo em busca do sucesso (Dardot, Laval, 2017). Para Érica, ser

empreendedora significa mobilizar todos os aspectos da vida em prol do seu trabalho: “É um trabalho que até o almoço vira trabalho, até o lazer vira trabalho, entendeu? Tudo é uma oportunidade para você vender, porque toda venda importa”.

No que diz respeito à remuneração, as entrevistadas foram unânimes ao destacar que a renda proveniente do empreendimento é marcada por forte instabilidade. Essa variabilidade decorre tanto de fatores externos, como oscilações econômicas e períodos tradicionalmente fracos, como os meses de janeiro, fevereiro e março, quanto da própria capacidade de dedicação ao negócio, já que qualquer interrupção, seja por adoecimento ou por demandas familiares, resulta em queda imediata nos ganhos. A imprevisibilidade financeira dificulta o planejamento de longo prazo e reforça a sensação de ausência de garantias mínimas de subsistência. Como evidencia Olívia, essa instabilidade impede que ela projete o crescimento de seu empreendimento, justamente porque não consegue elaborar planos a longo prazo:

Uma coisa que eu tenho muita dificuldade de fazer é parcelar as coisas porque a minha renda é muito instável, então eu tenho medo por exemplo de ir lá comprar um monte de máquina parcelar tudo e mês que vem minha renda ser 2,50, não ter encomenda, não ter nada e aí eu não consegui pagar (Olívia, 27 anos, ilustradora digital)

Nesse cenário, as redes de apoio tornam-se fundamentais para assegurar a subsistência e o pagamento das contas, evitando que fiquem completamente desamparadas. Como evidencia a experiência de Carla, que sintetiza a realidade observada em campo, todas as entrevistadas relataram recorrer, em determinados momentos, ao apoio financeiro de familiares ou companheiros. Esse suporte, muitas vezes proveniente de pessoas inseridas em empregos formais com vínculo CLT, proporciona uma estabilidade crucial para enfrentar os períodos de dificuldade e garantir a continuidade do negócio, demonstrando como a sobrevivência desses empreendimentos está frequentemente entrelaçada a relações de ajuda econômica e solidariedade familiar.

Assim, hoje, eu consigo empreender, porque eu tenho uma assistência. Tipo, minha casa não depende de mim, é mesmo para pagar as contas grossas, sabe? Então, se eu precisasse pagar todas as contas grossas de casa, talvez eu optasse por não empreender. Porque daí eu não tenho um fixo, né? Tem mês que tem muito, tem mês que não tem tanto, e aí tem que se ajustar ao longo dos meses. Então, hoje eu penso que eu prefiro, porque eu... Teoricamente, eu contribuo com a casa, mas não é o essencial para sobreviver (Carla, esteticista, 27 anos).

Embora a narrativa neoliberal insista em responsabilizar o indivíduo, de forma isolada, por seu sucesso, as entrevistas revelam que o empreendedorismo está longe

de ser uma atividade estritamente individual. Na prática, os vínculos sociais são fundamentais para a sustentabilidade dos empreendimentos, especialmente diante da baixa rentabilidade que, muitas vezes, impede a contratação de funcionários. O apoio da família aparece como elemento central para que as mulheres consigam manter seus negócios em funcionamento, como evidencia o relato de Érica:

Minha família me ajuda desde sempre, meus filhos sempre me ajudaram, cada um com uma parte. A minha filha faz a publicidade da feira, ela faz todas as artes, já o meu filho me ajuda total, de tudo mesmo, com a parte física, como eu tenho o problema de locomoção, então eles me ajudam muito por conta disso, assim, super importante (Érica, 58 anos, organizadora de eventos).

A permanência no empreendedorismo, portanto, está associada fortemente a essas redes de apoio, sobretudo em um contexto de instabilidade e ausência de garantias trabalhistas. Em muitos casos, o suporte financeiro de parceiros ou familiares com vínculo formal de trabalho é o que possibilita a continuidade do negócio, garantindo uma base mínima de segurança em momentos de ganhos reduzidos. Joana, por exemplo, relata que só conseguiu quitar as dívidas herdadas da mãe porque contava com a estabilidade financeira proporcionada pelo emprego do marido:

Às vezes, a pessoa precisa de um aporte externo, que nem meu marido, a gente conseguiu crescer também, porque meu marido ele trabalhava, tinha um serviço bom, ele era concursado, então, assim, eu não dependia da loja pra poder me manter em casa (Joana, dona de loja de roupa, 47 anos).

Isso não significa dizer que as mulheres não consigam prosperar em seus empreendimentos sem a ajuda de seus parceiros, ou que dependam exclusivamente dos homens para crescer. Pelo contrário, muitas vezes, elas precisam de uma rede de apoio porque, devido à sobrecarga com o trabalho de cuidado, seja com filhos ou outros familiares, não podem se dedicar integralmente ao empreendimento, visto que, a flexibilização das relações de trabalho afeta desproporcionalmente as mulheres, que, além da instabilidade no trabalho, continuam sendo as principais responsáveis pelo cuidado, o que limita seu tempo e disponibilidade para se dedicar ao trabalho remunerado (Krein e Castro, 2015).

4. TRABALHO DE CUIDADO E GERENCIAMENTO DA VIDA

Este capítulo busca evidenciar como o gênero influencia a prática do empreendedorismo, uma vez que as mulheres seguem sendo majoritariamente responsabilizadas pelo trabalho de reprodução social. Tal responsabilização atravessa suas rotinas, impondo formas específicas de organizar o tempo, de distribuir as tarefas e de gerir a própria vida cotidiana, mesmo entre aquelas que não possuem filhos, já que o cuidado da casa, de si mesmas e de outros familiares permanece como parte de suas atribuições. Ao analisar essas dinâmicas, o capítulo procura compreender como as empreendedoras percebem a articulação entre trabalho produtivo e reprodutivo, e de que maneira essa relação impacta tanto o gerenciamento do negócio quanto as possibilidades de descanso, dedicação e crescimento do empreendimento.

4.1 Trabalho feminino e a reprodução social

O conceito da reprodução social é fundamental para entender os processos de desigualdades de gênero e as características da inserção das mulheres no mercado de trabalho. A necessidade de articular família e trabalho é uma consequência da cisão, realizada pelo capitalismo, a partir do período industrial, entre esfera produtiva - destinada aos homens, ligada ao comércio e a indústria, a qual é remunerada na forma monetária - e a esfera reprodutiva - associada às mulheres, sendo atividades ligadas à produção e reprodução das condições materiais e emocionais que garantem a reprodutibilidade da vida e dos laços sociais, remunerada na moeda do “amor” e da “virtude” (Fraser, 2020; Federici, 2019).

A organização atual do trabalho evidencia o que autoras como Fraser (2020) e Marcondes (2012) denominam crise sócio-reprodutiva, marcada pela separação entre as demandas produtivas e reprodutivas da vida social. Essa crise se expressa em fenômenos como a “pobreza de tempo”, a busca pelo “equilíbrio entre família e trabalho” e o “esgotamento social”, revelando as tensões que limitam a capacidade das pessoas de cuidar, sustentar lares e manter vínculos afetivos e comunitários. Trata-se de um processo estrutural em que o trabalho remunerado, voltado à produção de lucro, depende diretamente do trabalho não remunerado de cuidado, responsável por assegurar a reprodução da vida e das relações sociais. É nessa

interdependência, entre a produção e a reprodução, que se situa o núcleo da chamada crise do cuidado, constitutiva da dinâmica capitalista contemporânea (Hirata; Kergoat, 2015; Fraser, 2016).

Com a intensificação da lógica neoliberal, essa conciliação tem se tornado, cada vez mais, uma responsabilidade das famílias, especialmente das mulheres, visto que há uma redução da presença do Estado em prover serviços públicos que garantam a reprodução social. As rotinas flexíveis passam a ser consideradas essenciais para que as mulheres conciliem a vida profissional com o trabalho de cuidado, garantindo assim um suposto “equilíbrio” entre as duas esferas (Krein; Castro, 2015). A noção de “equilíbrio” reforça a ideia de que o cuidado é uma responsabilidade essencialmente feminina, perpetuando a invisibilidade e a desvalorização do trabalho doméstico, o que contribui para a manutenção dos papéis tradicionais de gênero (Marcondes, 2012; Rottenberg, 2014). O relato de Carla ilustra claramente como o trabalho de cuidado está intrinsecamente ligado ao gênero feminino:

Para mulher, parece que não existe outra opção a não ser a de cuidar, tomar a frente, entendeu, é a função dela mesmo. Parece que ela já nasce sabendo do cuidado. Então, desde pequenininha, já fica ensinando a criança que a menina tem que ficar cuidando, aí quando cresce, quando tem alguma coisa de cuidado, a mulher já vai à frente disso e já toma conta do cuidado e o homem nunca vai tomar a frente. O homem você tem que falar, ó, vai lá, faz isso aqui, vai trocar a criança, sabe? Essa coisa. Você tem que ficar ensinando. Aí você tem dois filhos, que é o seu filho e o seu marido (Carla, esteticista, 27 anos).

Tendo em vista que o trabalho produtivo é organizado a partir de um modelo ideal de trabalhador, aquele totalmente disponível e desvinculado das responsabilidades de cuidado, as mulheres acabam sendo penalizadas pelo acúmulo de funções (Krein; Castro, 2015). Mais da metade das mães, por exemplo, são demitidas em até dois anos após o retorno da licença-maternidade, já que a chegada dos filhos altera sua relação com o tempo e com a dedicação ao trabalho, tornando incompatível a conciliação entre a lógica produtiva tradicional e as demandas do cuidado (Machado; Pinho Neto, 2016).

Nesse contexto, o empreendedorismo feminino se apropria da necessidade que as mulheres têm de articular ambas as esferas e propõe que isso seja possível a partir da criação do próprio empreendimento, visto que há, supostamente, uma estrutura mais flexível do que nas relações salariais tradicionais (Tanure, 2014). A frase “nasce uma mãe, nasce uma empreendedora” (Agência SEBRAE, 2023)

demonstra que a saída para as mulheres continuarem presentes no mercado de trabalho, enquanto exercem o trabalho de cuidado, seja via empreendedorismo, reforçando assim os estereótipos de gênero que atribuem às mulheres a responsabilidade total ou majoritária pelo trabalho de cuidado.

Essa responsabilização individual das mulheres pelo trabalho de cuidado amplia suas jornadas de trabalho, sem, necessariamente, gerar uma remuneração para elas, levando a uma distribuição desigual das jornadas de trabalho, em que as mulheres ocupadas dedicam 6,8 horas a mais que os homens ocupados aos afazeres domésticos e/ou cuidado de pessoas (IBGE, 2023). Para as entrevistadas, isso impacta diretamente sua rotina de trabalho, uma vez que a preocupação em corresponder às expectativas de gênero está constantemente presente em seu cotidiano. Esse ponto pode ser observado no relato de Giovana

É muito difícil eu me dedicar 100% ao meu negócio sabendo que a casa está suja. Porque fica aquela coisa: “nossa, que mulher sou eu que não mantenho a casa limpa? Que mulher sou eu que não faço, que não sei cozinhar?” Então, assim, acaba afetando a produtividade mais nesse sentido da cobrança mesmo. Eu acho que os homens não foram criados para se sentir cobrados, e a gente foi. [...] É muito diferente você se dedicar ao seu negócio despreocupado e você se dedicar ao negócio sabendo que tem muitas pessoas que estão te cobrando e te julgando. Eu acho que os homens não têm essa preocupação (Giovana, 30 anos, ilustradora digital).

A fala de Giovanna demonstra que a divisão entre a esfera produtiva e reprodutiva acaba por sempre associar a identidade da mulher trabalhadora à figura da cuidadora, de modo que o cuidado é sempre a prioridade. Ou seja, ao ingressarem no mercado de trabalho, as mulheres precisam continuar exercendo o trabalho de cuidado, conciliando duplas e triplas jornadas. Tal exigência é frequentemente justificada pelo estereótipo da mulher multitarefa, que sustenta a ideia de que elas seriam naturalmente capazes de realizar, sozinhas, todas as atividades de cuidado da família enquanto também gerenciam seus empreendimentos. Essa narrativa, reforça a responsabilização individual das mulheres pela conciliação com a vida profissional e o trabalho de reprodução (Acquaro, 2018).

Muitas entrevistadas relataram não ter tempo livre, pois, quando não estão envolvidas em suas atividades de trabalho, dedicam-se aos cuidados com a casa e a família, acumulando funções e eliminando tempos de descanso. Ao serem questionadas sobre o que costumam fazer em seu tempo livre, todas mencionaram tarefas domésticas, o que demonstra que, mesmo nas folgas, continuam trabalhando, como ilustra o relato de Carla:

No tempo livre? Aí eu cuido da casa né, vamos supor: de manhã tem tempo livre, aí tem que lavar roupa, tem que passar um pano no chão. Aí a noite, que é o tempo livre, no caso não tem tempo livre, né? Então é dar banho, é fazer elas [filhas] dormirem, fazer tipo, almoço do dia seguinte. Coisas de... essas coisas de casa, sabe? Então, assim, eu não tô tendo tempo livre. O tempo livre, no caso, é fazer as coisas de casa, eu vou parar mesmo, sei lá, ontem eu parei, parei assim, era 23 horas (Carla, esteticista, 27 anos).

Maria também compartilhou como isso afeta, além do trabalho, também os momentos de lazer e de conexão com a família e amigos:

Pra mim, eu vejo que as tarefas domésticas são sempre uma preocupação, às vezes eu estou no trabalho pensando se fiz todas as coisas da casa, se deixei em ordem para que as outras pessoas tenham uma rotina mais organizada. E, quando eu não consigo deixar as coisas organizadas, eu fico pensando que eu tinha que estar fazendo aquilo. Para mim, é muito difícil essa questão de ficar pensando, inclusive eu até falei na terapia, porque é meio que você nunca consegue descansar seu cérebro né? Você sempre está pensando no que poderia ser feito e no que não foi feito. Fora que, às vezes, eu até deixo de sair com meus amigos ou familiares porque eu preciso estar fazendo alguma tarefa da casa naquele tempinho que eu consegui arrumar que eu não estou trabalhando na papelaria (Maria, proprietária de papelaria, 28 anos).

Essa associação entre a identidade feminina e as atividades de cuidado sustenta a ideia de que cuidar é uma obrigação moral das mulheres, naturalizando a sobreposição entre trabalho produtivo e reprodutivo. Mesmo ao ingressarem no mercado de trabalho, elas continuam responsáveis por essas tarefas, pois o cuidado é compreendido como expressão de amor e responsabilidade familiar, e não como uma escolha ou atividade que pode ser compartilhada. Essa concepção faz com que o dever de cuidar permaneça central em suas vidas, ainda que sob novas formas de organização do tempo e do trabalho (Guimarães, 2020).

Desse modo, mesmo quando buscam autonomia em seus negócios, elas permanecem inseridas em uma lógica que as obriga a conciliar as duas esferas, reproduzindo uma divisão sexual do trabalho naturalizada nas relações familiares e sociais. Essa dinâmica evidencia a permanência dessa divisão e a naturalização das responsabilidades domésticas atribuídas às mulheres, reforçando a ideia de que o cuidado e as tarefas reprodutivas continuam sendo compreendidos como parte intrínseca de suas identidades.

4.2 Redes de ajuda e a coletivização do trabalho de cuidado

É possível apontar que a flexibilidade não necessariamente contribui para diminuir os conflitos em articular vida profissional com as atividades de cuidado. Sem desconsiderar as vantagens percebidas pelas entrevistadas, a flexibilidade dos

horários, como apontado por Quental e Wetzel (2002), pode aumentar o conflito entre família e trabalho, visto que a autonomia sobre os próprios horários, em muitos casos, pode levar a uma mistura dos momentos destinados às atividades domésticas com o tempo para a realização das atividades profissionais.

Conseqüentemente, existe uma dificuldade em delimitar fronteiras entre a vida pessoal e profissional, pois, ao mesmo tempo em que estão cuidando dos filhos, elas estão respondendo para clientes nas redes sociais, ou, ao estarem produzindo, estão pensando sobre as tarefas pendentes da casa. Entre as empreendedoras que trabalham em home office⁹, essa dinâmica se torna ainda mais intensa, uma vez que o espaço de trabalho se confunde com o ambiente doméstico, fazendo com que as demandas da casa se sobreponham às atividades profissionais e dificultem o estabelecimento de uma jornada contínua e sem interrupções, como podemos notar no depoimento de Giovana:

Eu acabei pegando um espaço que eu coloquei minhas coisas que eu chamo de ateliê, só que meu ateliê é também uma lavanderia, então, tô pintando e, às vezes, a máquina aqui tá rodando, né? E aí eu tô pintando, a máquina para, eu falo, ah, preciso estender a roupa. Então, tem muita essa sobreposição, né? De deveres, tarefas da casa com as tarefas do meu negócio. [...]. E da mesma forma, o contrário, como o meu trabalho fica em casa, é muito fácil de eu pegar e falar, ah, deixa eu resolver isso daqui do trabalho agora já, porque, né, tá fácil. E aí acaba não tendo muito limite de espaço, assim, e de tempo (Giovana, 30 anos, ilustradora digital).

É possível perceber que a flexibilidade das rotinas não transforma de maneira significativa a realidade dessas mulheres, uma vez que a responsabilidade pelo trabalho de cuidado permanece central em suas vidas. O que torna possível articular as exigências do negócio com as demandas domésticas são, em grande medida, as “ajudas” de outras pessoas, familiares ou não, e, em alguns casos, a contratação de serviços privados ou o uso de equipamentos públicos, como as creches.

A divisão do cuidado se estrutura, portanto, em duas dimensões: de um lado, as redes informais de apoio, compostas majoritariamente por outras mulheres, mães, sogras, irmãs, vizinhas e amigas, que assumem parte das tarefas domésticas e do cuidado com os filhos (Guimarães, 2020); de outro, a forma mercadorizada do cuidado, marcada pela contratação de trabalhadoras domésticas, em sua maioria mulheres negras e de classes econômicas mais baixas, o que evidencia a

⁹ Modalidade de organização do trabalho em que as atividades laborais são desempenhadas fora do espaço físico tradicional da empresa, geralmente na residência do trabalhador, com o apoio de tecnologias da informação e comunicação (Antunes, 2020).

desigualdade entre as próprias mulheres (Leite, 2023). Essa dinâmica demonstra como a sobrecarga do cuidado é redistribuída, mas não eliminada, sendo sustentada por hierarquias de gênero, classe e raça que atravessam a organização social do trabalho reprodutivo. O relato de Luísa evidencia a existência das redes de ajudas:

Como nem sempre dá pra trazer o meu filho, sempre alguém me ajuda. Nas férias, minha irmã me ajudou muito, cada um, sabe, ajuda, foi madrinha, vizinha, às vezes eu trazia, aí a cliente também pegava ele pra dar uma voltinha, sabe (Luísa, manicure, 43 anos).

Por outro lado, a presença do Estado se mostra fundamental para o processo de socialização dos cuidados. Para as mulheres com filhos, os serviços públicos, especialmente creches e escolas, foram apontados como essenciais para que pudessem empreender enquanto seus filhos eram assistidos. Isso demonstra que o que contribui de forma mais decisiva para a redução da sobrecarga do cuidado não é a flexibilização dos horários, mas a socialização das responsabilidades reprodutivas, sobretudo quando o Estado atua como agente garantidor de políticas públicas e infraestrutura de suporte. O relato de Joana evidencia a importância desses serviços:

E eu vou falar, a época que eu mais fiquei tranquila com os meus filhos, assim, eu falava assim, não, eu sei que eles estão bem foi na creche municipal. Foi na creche. Que, infelizmente, eu fico até, assim, existe, lógico, tem muita coisa errada, mas a gente tem coisas que a gente pode aproveitar, que o mínimo o governo dá, que seria a creche pública. Eu sempre falo, gente, é assistido, tem ali ouvidoria, tem, tem órgãos responsáveis para poder cair em cima se alguma coisa acontecer. Então, assim, eu sou totalmente a favor da creche pública, coloquei meus filhos, tive as duas experiências, tanto em creche pública como particular. Prefiro a pública sem sombra de dúvida. E ela foi essencial na minha vida (Joana, dona de loja de roupa, 47 anos).

Como evidenciado no capítulo anterior, o apoio familiar é fundamentais para manter os empreendimentos funcionando, contrariando a perspectiva neoliberal que tende a individualizar o trabalho e a responsabilizar o sujeito isoladamente por seu sucesso ou fracasso. Entre as formas de apoio, destaca-se o papel dos companheiros. Conforme apontam Lindo et al. (2007), existem dois tipos de apoio oferecidos pelos cônjuges que as mulheres consideram centrais nesse processo: o apoio instrumental e o emocional. O primeiro está relacionado à participação efetiva nas tarefas domésticas e no cuidado com os filhos, enquanto o segundo refere-se ao suporte afetivo, à troca de informações e ao incentivo à prosperidade profissional da parceira.

Nas entrevistas, sobressaiu-se, principalmente, o apoio emocional e financeiro, uma vez que todas relataram contar com os parceiros tanto no amparo afetivo quanto

na ajuda econômica em meses de baixa remuneração. Contudo, algumas expressaram insatisfação com a falta de apoio instrumental, evidenciando responsabilização das mulheres pelo trabalho doméstico ainda persiste, como demonstra o relato de Carla:

É muito mais provável que o homem ache que ele não precisa arcar com os serviços da criança, quando a mulher sabe que ela precisa, tipo, às vezes ela nem considera que ela tem a sua opção de não estar presente e sim o pai. [...] E o homem nunca... Homem não, o homem tem que falar, ó, vai lá, faz isso aqui, vai trocar a criança, sabe? Essa coisa você tem que ficar ensinando. Aí você tem dois filhos, que é o seu filho e o seu marido (Carla, esteticista, 27 anos)

5. EMPREENDEDORISMO E O TRABALHO NAS REDES SOCIAIS

Outro tema abordado nas entrevistas foi o uso das redes sociais. A partir do relato das empreendedoras foi possível compreender os impactos do uso das redes sociais no cotidiano. Considerando que vivenciamos uma era digital marcada por um contínuo *on-offline*, em que as relações sociais passam a ser mediadas pelo uso das tecnologias comunicacionais (Miskolci, 2016), o trabalho é transformado pela estrutura dinâmica das redes sociais, marcada por relações pautadas na flexibilidade de sua estrutura, os vínculos estabelecidos entre os usuários são fluídos, rápidos e surgem conforme a necessidade do momento, sendo estabelecidos e desfeitos rapidamente (Martino, 2014).

Este capítulo busca dialogar com o relatório *Mídias Sociais como Plataformas de Trabalho Digital* (Pinheiro-Machado et al., 2024), que destaca a importância de compreender o uso das redes sociais sob a ótica da plataformização do trabalho. O estudo chama atenção para a maneira como o Instagram, amplamente utilizado por microempreendedoras na divulgação de seus negócios, impõe uma lógica própria de funcionamento, pautada por algoritmos, métricas de engajamento e a exigência de produção constante de conteúdo, à qual o trabalho dessas mulheres acaba sendo inevitavelmente submetido.

5.1 O Instagram e a centralidade das redes sociais no empreendedorismo

Considerando a importância das redes sociais no cotidiano das relações sociais, cerca de 69% das empreendedoras já vendiam ou começaram a vender *online*, a partir da crise ocasionada pela pandemia do COVID-19 (SOUZA, 2020). A rede que mais se destacou no uso comercial foi o Instagram, plataforma que atualmente conta com 2 bilhões de usuários ativos mundialmente¹⁰. Isso ocorreu por causa das funcionalidades do *Instagram for Business*, específicas para empresas e empreendedores divulgarem seus serviços e produtos.

A plataforma possibilita a criação de anúncios pagos que atingem mais usuários, o acesso a métricas que medem o alcance, isto é, o número de usuários que visualizaram a publicação, permitindo conhecer quais são os conteúdos que o

¹⁰<https://oglobo.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2022/10/numero-de-usuarios-do-instagram-ultrapassa-2-bilhoes-e-se-aproxima-do-facebook.ghtml#:~:text=O%20Instagram%2C%20que%20pertence%20%C3%A0,da%20gigante%20de%20m%C3%ADdias%20sociais> (O Globo, 2022).

público mais gosta (Instagram, 2023). As métricas possibilitam acompanhar o crescimento da página, o perfil de usuário, que pode ser dividido em categorias como idade, gênero, localidade, áreas de interesse e quais são as pessoas que acompanham e interagem frequentemente com as publicações.

Além disso, dispõe do recurso da "Loja", uma vitrine virtual que exibe os produtos disponíveis, com preço, descrição, fotos e vídeos, permitindo assim que o usuário realize suas compras sem a necessidade de sair do aplicativo. Outro recurso disponibilizado é o *direct*, funcionalidade de troca de mensagens, o qual os usuários utilizam para se comunicar diretamente com a loja para esclarecer suas dúvidas e até mesmo fornecer *feedbacks* valiosos para o aprimoramento das estratégias de marketing (Martins; Albuquerque; Neves, 2018).

Devido a todas essas funcionalidades, o Instagram conseguiu estabelecer um ambiente de compras *online*. Segundo Mohsin (2020), 90% dos usuários seguem, no mínimo, uma conta comercial e 83% dos usuários utilizam a plataforma para descobrir serviços e produtos. Em virtude disso, para os empreendedores, a utilização das redes sociais proporciona diversos benefícios, como a redução de custos, pois a empresa não precisa arcar com as despesas fixas de uma estrutura física, além de propiciar o alcance a uma rede de consumidores mais ampla. Para Débora o Instagram foi fundamental para aumentar a sua rede de clientes:

Eu comecei a usar o Instagram porque vi que o boca a boca tinha um limite, tanto que foi uma amiga minha que me deu a ideia de criar um perfil. Eu meio que, sabe quando você chegou no limite? Porque só aquelas pessoas ali vão ver seu trabalho, e as outras? E o amigo do seu amigo, será que ele nunca vai ter acesso ao seu produto? Só vai ser eu no boca a boca? Só na indicação? Eu vi que precisava atingir públicos diferentes, pessoas que não me conheciam, mas que poderiam vir a conhecer meu trabalho (Débora, proprietária de uma loja de acessórios, 37).

A partir do contexto pandêmico, em que muitas empresas migraram para o espaço digital devido às restrições impostas ao comércio físico, as redes sociais passaram a concentrar um número ainda maior de empreendimentos dos mais variados segmentos, intensificando a competitividade entre os atores de um mesmo setor. Diante desse cenário, os perfis comerciais passaram a depender da produção constante de conteúdo para se destacar, exigindo um trabalho dinâmico e contínuo voltado à criação de publicações criativas e diferenciadas, capazes de atrair e manter o interesse de seguidores e consumidores. Esse movimento reforça a centralidade das redes sociais como espaços de visibilidade e comercialização, ao mesmo tempo

em que evidencia como o trabalho empreendedor se insere em uma lógica marcada pela exposição permanente e pela performatividade das plataformas digitais (Bentes, 2021).

Para alcançar visibilidade nas redes sociais, os perfis comerciais precisam manter uma produção constante de conteúdo capaz de atrair e manter o interesse dos usuários. Essa exigência insere as empreendedoras em uma lógica de trabalho criativo altamente acelerada, na qual a relevância depende da frequência das postagens, da capacidade de inovação e da adaptação às tendências ditadas pela própria plataforma. O Instagram, por exemplo, prioriza formatos específicos, como vídeos curtos e dinâmicos, que precisam capturar a atenção do público em poucos segundos. Essa dinâmica impõe prazos reduzidos, ritmo intenso e necessidade permanente de atualização (Valente, 2018), tornando o trabalho digital um processo contínuo e, muitas vezes, incompatível com o tempo e as demandas da atividade principal das empreendedoras, como ilustra o depoimento de Giovana:

Quando a gente começa a postar sobre arte, as pessoas querem ver as suas artes. E, assim, é uma coisa que demora, leva tempo para fazer. Uma pintura que eu faço, dependendo, demora dois meses para fazer. E aí, são dois meses para fazer, para criar um conteúdo de um minuto e meio no máximo, assim, fica meio incompatível né? [...] E aí eu tenho essa dificuldade de conciliar, sabe, o tempo de produção das minhas artes com o tempo de produção de conteúdo. Uma coisa leva muito tempo, meses para fazer, e a outra coisa precisa ser rápido, precisa todo dia postar, todo dia ter coisa nova para fazer. E precisa que os conteúdos sejam rápidos também, né? Não posso ficar uma hora mostrando eu pintando, porque isso não engaja o público (Giovana, Ilustradora digital, 30 anos).

Em decorrência dessa necessidade de produzir constantemente, as empreendedoras precisam dedicar muitas horas para cuidar de seus perfis no Instagram, o que se torna mais uma demanda em sua rotina de trabalho. A necessidade de produzir conteúdo não apenas consome tempo, mas também gera uma pressão significativa para manter o interesse dos seguidores. Nesse contexto, o discurso do empreendedor de si é integrado à prática, visto que há uma responsabilização individual pelo sucesso do empreendimento, ou seja, quanto mais conteúdo o indivíduo produzir, maior a possibilidade de tornar o negócio mais conhecido nas redes sociais.

A busca incessante por engajamento e visibilidade transforma a produção de conteúdo em uma obrigação, tornando as jornadas de trabalho cada vez mais extensas, e levando, inclusive ao borramento das fronteiras entre vida pessoal e

profissional, visto que as redes sociais não ficam restritas a um ambiente organizacional (Valente, 2018). As empreendedoras relataram que a necessidade de produzir conteúdo constantemente acaba prejudicando seu bem-estar pessoal, seja de forma física ou emocional, como aponta Carla:

É um cansaço mental mesmo, é nunca ter fim. E é sempre precisar fazer mais. Então, vamos supor, se eu tenho uma constância de postar três vezes por semana, em algum momento isso não vai ser suficiente, então eu tenho que postar quatro, cinco, sei lá quantas vezes. E aí se você diminui a frequência, os resultados não são mais os mesmos. Então, parece que você tem que sempre trabalhar mais, você parece um ratinho correndo assim na rodinha. É tipo isso. Então, eu acho que essa é uma desvantagem (Carla, 27 anos, empreendedora na área de estética).

Essa dificuldade de conciliar a produção de conteúdos com a atividade principal foi compartilhada pelas demais empreendedoras, sendo que, para elas, a manutenção das redes sociais é uma das tarefas mais exaustivas em suas rotinas. A necessidade de estar sempre conectadas e de produzir conteúdo relevante adiciona uma camada de complexidade ao trabalho, exigindo habilidades que vão além daquelas relacionadas à atividade principal do negócio. Como relatou Olivia, atualmente não basta ser cabeleireira, manicure, vendedora ou artista; é preciso também assumir o papel de influenciadora digital, dominando conhecimentos sobre fotografia, marketing, gravação e edição de vídeos, além de compreender o funcionamento dos algoritmos. Essa necessidade de todos serem *influencers* corrobora para um cenário de homogeneização das carreiras, em que todos passam a aplicar as mesmas técnicas de marketing digital para atrair clientes ou vender produtos (Pinheiro-Machado et al., 2024). Nesse sentido, os modelos de carreira, estética e tendência de mercado passam a ser homogêneos, muitas vezes em detrimento da diversidade e originalidade:

Uma das dificuldades que eu vejo no uso das redes é todo mundo ter que virar influencer de si mesmo, sabe? Tipo assim, hoje, um dentista não pode ser só um dentista, ele tem que ter um Instagram. [...] Então, o que me incomoda é isso, não existe mais uma profissão que a pessoa possa escolher não estar nas redes sociais, sabe? Tem casos e casos, mas, assim, no geral, é aquilo, se a pessoa acabou de se formar, ela tem que fazer um Instagram de psicólogo, sabe? (Olivia, artista digital, 27 anos).

A exigência de se tornar uma espécie de “*influencer* de si mesma” contribui para uma padronização das práticas e da comunicação, muitas vezes em detrimento da diversidade e da originalidade que poderiam compor o negócio (Pinheiro-Machado et al., 2024). Ao mesmo tempo em que essas ferramentas prometem visibilidade e

autonomia, elas também impõem um modelo específico de como empreender, comunicar e vender, pressionando as empreendedoras a se adequarem a uma lógica que nem sempre respeita a singularidade de seus projetos ou de suas trajetórias, como destaca Laura:

Se você não se adequa a algumas modas da internet, você fica para trás. Eu não sou uma pessoa de me expor, eu sou muito tímida [...] eu não vou pegar meu celular e ficar gravando horas e horas me expondo em stories. Não é minha característica, minha personalidade, só que eu sinto que isso é uma barreira para mim também porque é isso: se você não criar, você vai ser esquecido. O algoritmo das redes sociais muda toda hora. Você tem que se adequar ao algoritmo porque senão eles derrubam o seu perfil e isso é muito impactante no nosso trabalho, na era que a gente vive de internet, de um clique, de rede social, de não sei o que. Impacta muito. Mas é isso, até que ponto eu quero vender tanto minha alma para conseguir me encaixar? (Laura, cabeleireira, 32 anos).

Para as empreendedoras, as demandas das redes sociais configuram um trabalho paralelo ao principal, não sendo remunerado diretamente, mas indispensável para a sobrevivência do empreendimento. Considerando que as redes sociais não se restringem ao ambiente de trabalho e ocupam também o espaço do lazer, essa sobreposição dificulta, para as empreendedoras, a distinção entre o que é trabalho e o que é vida pessoal, ampliando significativamente sua jornada de trabalho (Valente, 2018). Esse desafio foi evidenciado no relato de Olívia. A simples notificação de uma mensagem ou comentário, mesmo durante seus momentos de lazer, transforma-se em uma tarefa de trabalho que exige atenção imediata:

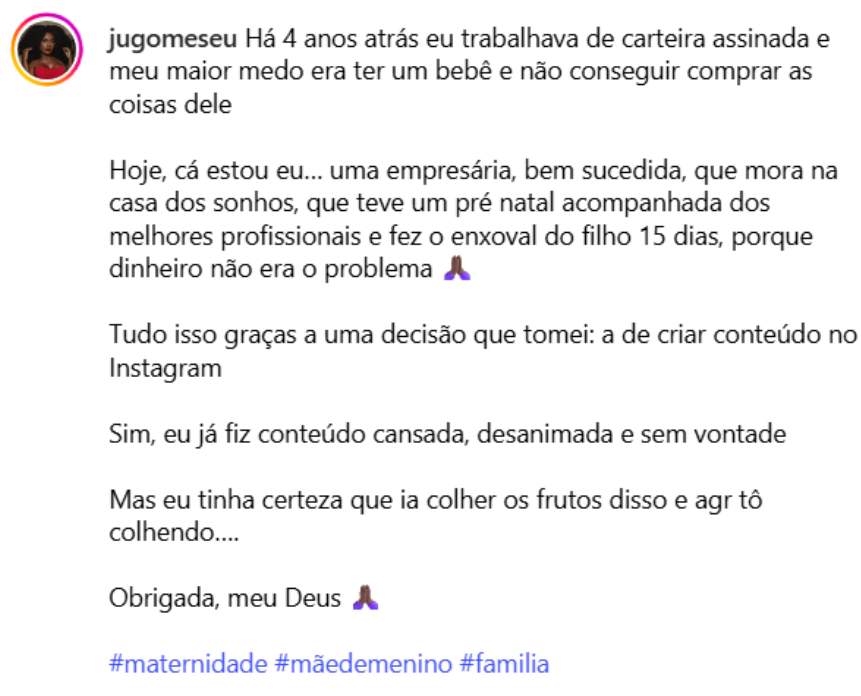
O problema é que, por exemplo, eu uso o Instagram pra me divertir também, então às vezes eu estou usando o pessoal e chega uma mensagem de cliente, eu já vou lá responder. Se eu estou fazendo qualquer coisa e alguém, tipo assim, comentou minha publicação, eu vou lá responder. E isso também é trabalho, sabe? A gente acha que é só responder um comentário. Não é, você está trabalhando. Toda vez que você para qualquer coisa que você está fazendo para responder um comentário, você está trabalhando (Olívia, artista digital, 27 anos).

É possível perceber que o trabalho digital incorpora o tempo de lazer e intensifica a dissolução das fronteiras entre as esferas pessoal e profissional. Como observa Bouilloud (2024), “a fronteira entre a vida pessoal e o trabalho não existe mais”, o que contribui para o aumento da carga mental e do esgotamento entre aquelas que dependem das redes para manter seus negócios visíveis e ativos.

5.2 Cultura empreendedora nas redes sociais

Além de conectar empreendedoras a possíveis clientes e funcionar como uma vitrine para produtos e serviços, o Instagram também opera como um espaço de produção e disseminação de discursos que promovem o empreendedorismo como caminho ideal para o sucesso pessoal e profissional. A análise de conteúdos publicados por perfis como “movinggirls”, “womanboss.br”, “digi.girls” e “jugomeseu” permitiu observar como essas páginas fortalecem a cultura empreendedora. Nessa lógica, empreender é apresentado não apenas como uma alternativa possível, mas como o único caminho legítimo para alcançar a realização, tal como evidenciado a seguir na figura 1.

Figura 1: Publicação de 11 de maio de 2025 no perfil jugomeseu.



Fonte: @jugomeseu¹¹

Essa cultura é reforçada por influenciadoras digitais que vendem cursos, e-books ou mentorias prometendo sucesso e enriquecimento rápido a partir do uso estratégico do marketing digital, bastaria “postar da maneira certa” para alcançar resultados expressivos (Pinheiro-Machado et al., 2024). No entanto, o contraste entre

¹¹ Influenciadora digital que possui 365 mil seguidores, comercializa mentorias voltadas para ensinar como vender utilizando o Instagram.

esse discurso e os relatos das entrevistadas é significativo. Para elas, estar presente no digital exige tempo, dinheiro, equipamentos e múltiplas habilidades, como fotografia, edição de vídeos, domínio dos algoritmos e estratégias de engajamento, tornando a criação de conteúdo uma tarefa exaustiva e, muitas vezes, frustrante.

Aliado a isso, a figura 2 ilustra publicações comuns nas redes sociais que apresentam longas jornadas de trabalho como símbolo de esforço e sucesso, reforçando a ideia de que a empreendedora deve estar totalmente dedicada ao seu negócio para alcançar reconhecimento. A imagem da empreendedora tem sido construída como a de uma mulher que trabalha integralmente em prol do empreendimento, cuja rotina deve estar inteiramente voltada à produtividade. Essa representação contribui para a formação de uma subjetividade marcada pela lógica da entrega total, em que a valorização do trabalho incessante é apresentada como sinônimo de mérito e realização pessoal.

Figura 2: Publicação de 21 de abril de 2024 no perfil movinggirls.



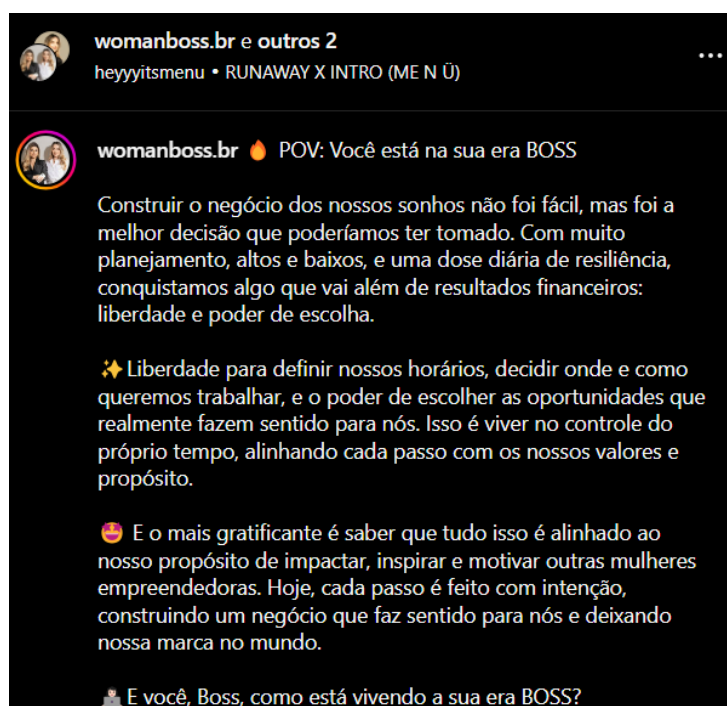
Fonte: @movinggirls

Tais publicações fortalecem a perspectiva de autoresponsabilização, em que o sucesso ou o fracasso do empreendimento é atribuído unicamente ao esforço

individual, desconsiderando o cenário de alta taxa de falência das empresas¹² e o contexto de instabilidade econômica que caracteriza o trabalho por conta própria. Dessa forma, o discurso da dedicação extrema funciona como um mecanismo que legitima a intensificação do trabalho e desloca para o indivíduo a responsabilidade pelos efeitos de um mercado altamente competitivo e precarizado.

A cultura empreendedora presente nas redes sociais compreende o empreendedorismo não só como uma atividade econômica autônoma, mas também como um valor moralmente positivo e um caminho para a autorrealização, recomendado para quem busca tanto realização profissional quanto pessoal, como expressa a figura 3. Ou seja, é visto como a oportunidade de, por meio do próprio esforço, alcançar seus sonhos, objetivos e “fazer dar certo” através da iniciativa individual, promovendo assim, a construção de uma subjetividade alinhada à racionalidade neoliberal, na qual o sucesso é medido pela ascensão econômica.

Figura 3: Publicação de 14 de outubro de 2024 no perfil womanboss.



Fonte: “womanboss.br”

A análise das publicações produzidas nas redes sociais, portanto, contribui para evidenciar como o Instagram não é apenas uma ferramenta de trabalho, mas também um espaço onde se constroem narrativas de responsabilização individual.

¹²Os MEIs têm a maior taxa de mortalidade entre os Pequenos Negócios, após 5 anos de atividade cerca de 29% encerram as atividades (SEBRAE, 2023).

Esse contraste entre os modelos promovidos pelas redes e a realidade vivida pelas empreendedoras entrevistadas é fundamental para compreender os tensionamentos que marcam o trabalho digital.

Diante das discussões apresentadas, é possível apontar que o uso das redes sociais no contexto do empreendedorismo feminino, embora fundamental para a visibilidade e manutenção dos negócios, impõe uma série de desafios às empreendedoras. A exigência de constante produção de conteúdo e disponibilidade nas plataformas digitais configura um segundo trabalho, não remunerado diretamente, que amplia a carga laboral e contribui para diluir as fronteiras entre vida pessoal e profissional.

As entrevistas revelam como a lógica da plataformização submete essas mulheres a uma rotina marcada pela superposição de funções, pela pressão por engajamento e pela ausência de pausas, o que contribui para o esgotamento físico e mental. Assim, torna-se evidente a necessidade de reconhecer e problematizar as implicações do trabalho digital nas redes sociais, especialmente no que diz respeito às desigualdades de gênero que perpassam a organização do tempo e do cuidado no cotidiano dessas empreendedoras.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise das entrevistas, dos discursos produzidos nas redes sociais e da bibliografia mobilizada, é possível identificar uma dualidade marcante entre o discurso que sustenta o empreendedorismo e a realidade vivida pelas mulheres que empreendem. Há um discurso amplamente difundido que associa o empreendedorismo à liberdade, autonomia, superação pessoal e ao ideal de que o sucesso é fruto exclusivamente do esforço individual. Esses elementos também apareceram nas entrevistas, mobilizando sentidos que ajudam a explicar por que as mulheres seguem engajadas nessa forma de inserção laboral, mesmo diante das dificuldades. Para muitas, o trabalho por conta própria representa uma alternativa mais digna do que experiências anteriores em empregos formais marcados por desvalorização, ou ainda a possibilidade de construir algo que sentem como seu.

Ao mesmo tempo, os relatos mostram que essa adesão ocorre em meio a contradições marcantes. A prática cotidiana do empreendedorismo é atravessada por longas jornadas, baixa remuneração, instabilidade financeira, acúmulo de funções e uma sobrecarga que ultrapassa o âmbito do negócio, afetando diretamente a vida pessoal e emocional. Essa tensão revela que o discurso empreendedor, ao enfatizar o mérito individual, tende a obscurecer os limites concretos impostos por desigualdades estruturais de gênero, classe e raça. A responsabilização pelo sucesso ou fracasso recai sobre os indivíduos, desconsiderando os contextos sociais nos quais esses empreendimentos se desenvolvem.

As entrevistas também evidenciam que as novas formas de organização do tempo não cumprem a promessa de uma autonomia plena, mas frequentemente intensificam o trabalho e ampliam a apropriação da vida cotidiana pelas exigências produtivas. A conciliação entre tarefas produtivas e reprodutivas continua recaindo majoritariamente sobre as mulheres, revelando como o empreendedorismo rearticula os papéis tradicionais de gênero, o que também afeta as famílias e redes de apoio.

Ainda assim, isso não significa que essas trabalhadoras estejam passivamente submetidas às condições adversas. Suas trajetórias mostram que elas constroem sentidos, criam estratégias e encontram brechas para tornar o trabalho mais próximo dos seus desejos e necessidades. Suas escolhas, ações e decisões não se dão fora dos limites sociais, econômicos e de gênero que moldam suas vidas; ao contrário, acontecem dentro desses limites e justamente por isso revelam formas situadas de

agência. É nesse espaço tensionado, entre precariedade e busca por autonomia, entre sobrecarga e desejo de estabilidade, que elas reorganizam rotinas, redes de apoio e expectativas de futuro.

Ao entrelaçar as dimensões estruturais às percepções das próprias empreendedoras, esta pesquisa evidencia que o empreendedorismo feminino no Brasil é atravessado por processos ambivalentes. Ele pode oferecer certo sentido de autonomia e de controle relativo sobre o tempo, ao mesmo tempo em que impõe sobrecargas significativas e se apoia em uma cultura do trabalho que desloca responsabilidades coletivas para o indivíduo. Assim, o fenômeno analisado é um campo contraditório, onde convivem limites concretos e possibilidades criadas cotidianamente.

Essa complexidade mostra que compreender o empreendedorismo feminino exige olhar simultaneamente para as condições estruturais que o moldam e para os sentidos produzidos por aquelas que o vivenciam. As histórias reunidas nesta pesquisa apontam, justamente, para a negociação constante entre limites e aspirações, uma negociação que revela tanto os efeitos das desigualdades quanto a capacidade das mulheres de construir caminhos possíveis dentro delas.

7. Referências

ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização: Do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. **Psicoperspectivas**, v. 18, n. 3, p. 41-51, 2019.

AGÊNCIA BRASIL. **Mulheres ganham 20% menos do que homens em mais de 50 mil empresas.** Agência Brasil, 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-09/Mulheres-ganham-20-menos-do-que-homens-em-mais-de-50-mil-empresas>.

Acesso em: 27 out. 2024.

AGÊNCIA SEBRAE, 2023. Brasil figura entre as cinco economias mais empreendedoras do mundo. Disponível em: [https://agenciasebrae.com.br/brasil-empendedor/brasil-figura-entre-as-cinco-economias-mais-empendedoras-do-mundo/#:~:text=Nesse%20quesito%2C%20o%20Brasil%20figura,Om%C3%A3%20\(53%2C2%25\)](https://agenciasebrae.com.br/brasil-empendedor/brasil-figura-entre-as-cinco-economias-mais-empendedoras-do-mundo/#:~:text=Nesse%20quesito%2C%20o%20Brasil%20figura,Om%C3%A3%20(53%2C2%25)). Acesso em: 05/07/2023.

Agência SEBRAE, **67% das empreendedoras no Brasil são mães, aponta pesquisa do Sebrae**, 10 de maio 2024. Disponível em: <https://agenciasebrae.com.br/cultura-empendedor/67-das-empendedoras-no-brasil-sao-maes-aponta-pesquisa-do-sebrae/>. Acesso em: 05/08/2025

ANTUNES, Ricardo. **O trabalho, sua nova morfologia e a era da precarização estrutural.** Theomai, n. 19, p. 47-57, 2009

ACQUARO, Juliane. **Empreendedorismo feminino ou trabalho por conta própria? Um estudo sobre trabalhadoras na cidade de São Carlos/SP.** 2018.

AZAÏS, Christian. As zonas cinzentas no assalariamento: propostas de leitura do emprego e do trabalho. In: AZAÏS, Christian; KESSLER, Gabriel e TELLES, Vera da Silva (orgs.). **Ilegalismos, cidade e política.** Belo Horizonte, Fino Traço, 2012, pp. 167-198.

BATISTA, Paulo Nogueira. O consenso de Washington. **A visão neoliberal dos problemas latino-americanos**, 1994.

BRAGA, R. **A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista.** São Paulo: Boitempo, 2012

BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais.** São Paulo: Hucitec, 1993.

BENTES, Anna Carolina Franco. Quase um tique: economia da atenção, vigilância e espetáculo em uma rede social. **UFRJ**, 2021. BONI, V.; QUARESMA, S. J.

Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

BOUILLLOUD, Jean-Philippe. **A fronteira entre a vida pessoal e o trabalho não existe mais**. Entrevista concedida a Alejandra Varela. Tradução de Cepat. *Clarín – Revista Ñ*, 9 set. 2024. Publicado em português por Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Disponível em: <https://abet-trabalho.org.br/o-mundo-do-trabalho-de- pernas-para-o-ar-a-fronteira-entre-a-vida-pessoal-e-o-trabalho-nao-existe-mais-entrevista-com-jean-philippe-bouilloud/>. Acesso em: 16 jun. 2025.

CARVALHO, T. F.; PORÉM, M. E. Lógica neoliberal e as mães empreendedoras: uma perspectiva comunicacional sobre os sentidos do empreendedorismo feminino. In: **congresso brasileiro científico de comunicação organizacional e de relações públicas**. 2020. p. 1-15.

CATTANÉO, N.; HIRATA, H. Flexibilidade. In: HIRATA, H. et al (Org). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009. p.106-111.

COLBARI, A. de L. A retórica do empreendedorismo e a formação para o trabalho na sociedade brasileira. **SINAIS – Revista Eletrônica – Ciências Sociais**. Vitória: CCHN, UFES, Edição Especial de Lançamento, n. 1, v. 1, abril, pp. 75-111. 2007.

COSTA, H. Empreendedorismo popular e a economia moral da vida sem salário . **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, Brasil, v. 1, n. 87, p. 1–19, 2024

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A Nova Razão do Mundo**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FRASER, Nancy; DE SOUSA FILHO, José Ivan Rodrigues. Contradições entre capital e cuidado. **Princípios: Revista de Filosofia**, v. 27, n. 53, p. 1, 2020.

FEDERICI, S. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. Editora Elefante, 2019.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Penso Editora, 2012.

GUIMARÃES, Nadya Araujo; VIEIRA, Priscila Pereira Faria. As “ajudas”: o cuidado que não diz seu nome. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 98, p. 7-24, 2020.

G1 GLOBO. **Número de empreendedores individuais no Brasil aumenta 10 vezes em uma década**, 15 de fevereiro de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/02/15/numero-de-empreendedores-individuais-no-brasil-aumenta-10-vezes-em-uma-decada.ghtml>. Acesso em: 16 de junho de 2023.

Governo Federal. **Panorama do empreendedorismo feminino no Brasil**. Brasília, 2024. 21 páginas

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. edições Loyola, 1992.

HIRATA, Helena. KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho profissional e doméstico: Brasil, França e Japão. In: COSTA, Albertina de Oliveira et al. Mercado de trabalho e genero: comparações internacionais. Rio de Janeiro: FGV, 2008. p.-263-278.

HIRATA, H. e KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, set./dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf>; Acesso em: 20 de janeiro de 2015.

IBGE. **Em 2022, mulheres dedicaram 9,6 horas por semana a mais do que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas. Agência de Notícias do IBGE, 2023.** Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37621-em-2022-mulheres-dedicaram-9-6-horas-por-semana-a-mais-do-que-os-homens-aos-afazer-es-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas#:~:text=A%20divis%C3%A3o%20das%20tarefas%20dom%C3%A9sticas,cuidado%20de%20pessoas%20em%202022>. Acesso em: 27 out. 2024.

INSTAGRAM. Recursos do Instagram. Disponível em: <https://about.instagram.com/pt-br/features>. Acesso em: 25/06/2023. INSTAGRAM.

KREIN, José Dari; OLIVEIRA, Rodrigo Carelli; FILGUEIRAS, Vitor Araújo. **A Reforma Trabalhista no Brasil: promessas e realidades**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

KREIN, J. D.; CASTRO, B.. As formas flexíveis de contratação e a divisão sexual do trabalho. **Análise**, n. 6, 2015.

LIMA, J. C. OLIVEIRA, R. V. D.. O empreendedorismo como discurso justificador do trabalho informal e precário: Entrepreneurship as a discourse justifying informal and precarious work. **Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 11, n. 3, 2021.

LIMA, Jacob Carlos. Participação, empreendedorismo e autogestão: uma nova cultura do trabalho? **Sociologias (UFRGS. Impresso)**, v. 12, p. 158-198, 2010.

LINDO, Maíra Riscado et al. Vida Pessoal Vida Pessoal e Vida Profissional: Vida Profissional: Vida Profissional: os Desafios s Desafios s Desafios de Equilíbrio e Equilíbrio e Equilíbrio para Mulheres ara Mulheres Empreendedoras Empreendedoras do Rio de Janeiro e Janeiro e Janeiro. 2007.

MACCALÓZ, M. S. Globalização e flexibilização. In: MACCALÓZ, M. S. et al. Globalização, neoliberalismo e direitos sociais. Rio de Janeiro: Destaque, 1997. p. 1-26.

MACHADO DA SILVA, L. A. Da informalidade à empregabilidade (reorganizando a dominação no mundo do trabalho). **Caderno CRH**, v. 37, p. 81-109, 2002.

MACHADO, C. PINHO NETO, V. R. de. **The labor market consequences of maternity leave policies: evidence from Brazil**. 2016.

MARCONDES, M. M. A divisão sexual dos cuidados: do welfare state ao neoliberalismo. **Argumentum**, v. 4, n. 1, p. 91-106, 2012.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes. Editora Vozes Limitada, 2014.

MARTINS, Bárbara Isis; ALBUQUERQUE, Lívia Cristina Enders; NEVES, Manoella. Instagram Insights: Ferramenta de Análise de Resultados como Nova Estratégia de Marketing Digital. **Intercom**, v. 1, p. 1-13, 2018.

MEDEIROS, Fernanda Luíza Silva. Feminismo e neoliberalismo na contemporaneidade: uma “nova razão” para o movimento de liberação das mulheres?. **Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política**, v. 26, n. 3, 2017.

MISKOLCI, Richard. Sociologia Digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. **Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 6, n. 2, p. 275-275, 2016.

MOHSIN, Maryam. **10 Estatísticas do instagram que todo empreendedor precisa conhecer em 2021**. OBERLO, 2020. Disponível em: <https://www.oberlo.com.br/blog/estatisticas-instagram>. Acesso em: 25/06/2023

NASSIF, Vânia Maria Jorge; GHOBIL, Alexandre Nabil; DO AMARAL, Derly Jardim. Empreendedorismo por necessidade: o desemprego como impulsionador da criação de novos negócios no Brasil. **Pensamento & Realidade**, v. 24, n. 1, 2009.

PINHEIRO-MACHADO, R.; M., J.; ALVES-SILVA, W.; FRID, M.; PETRA, P.; PENALVA, J. **Mídias sociais como plataforma de trabalho digital: avaliando os impactos sociais, culturais e políticos da migração do mercado de trabalho para o Instagram**. Dublin: Digital Economy and Extreme Politics Lab (DeepLab), University

College Dublin, 2024. Disponível em: <https://www.labdeep.com/reports>. Acesso em: 16 maio 2025.

PENTEADO, C. L.; JUNIOR, B. G. C. A germinação do empreendedor do Brasil contemporâneo: O neoliberalismo visto sob o contexto nacional recente. **Estudos de Sociologia**, v. 25, n. 49, 2020.

PORÉM, Maria Eugênia; CARVALHO, Taynara Ferrarezi; BRAZ, Michelle Moreira. Empreendedorismo feminino e feminismo neoliberal: uma perspectiva comunicacional e crítica a partir de perfis de empreendedoras no Instagram. **Organicom**, v. 20, n. 41, p. 175-189, 2023.

RANGEL, Felipe; MAGALDI, Tiago. Sobre a legitimação do trabalho precário: autonomia e justiça como categorias de engajamento. **Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 13, n. 1, 2023.

REGO, A.; CUNHA, M. P.; MEYER, V.. Quantos participantes são necessários para um estudo qualitativo? Linhas práticas de orientação. **Revista de Gestão dos Países de Língua Portuguesa**, v. 17, n. 2, p. 43-57, 2018.

ROSENFELD, Cinara e ALVES, Daniela. Autonomia e trabalho informacional: o teletrabalho. *Dados – Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, n. 54, v. 1, 2011, pp. 207-233.

ROSENFELD, Cinara. Autoempreendedorismo: forma emergente de inserção social pelo trabalho. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 30, p. 115-128, 2015.

ROTTENBERG, Catherine. The rise of neoliberal feminism. **Cultural studies**, v. 28, n. 3, p. 418-437, 2014.

SEBRAE SC. Empreendedorismo materno: desafios e oportunidades. 10 de mai. 2023. Disponível em: <https://www.sebrae-sc.com.br/blog/empreendedorismo-materno-desafios-e-oportunidades>. Acesso em: 23 de maio de 2025.

SOUZA, Mariana. Cerca de 70% das mulheres empreendedoras utilizam a internet como canal de vendas. SEBRAE PR, 2020. Disponível em: <https://sebraepr.com.br/comunidade/artigo/cerca-de-70-das-mulheres-empendedoras-utilizam-a-internet-como-canal-de-vendas>. Acesso em: 05/07/2023.

TANURE, P, T. **Empreendedorismo e família: quando flexibilizar horários se torna uma sobrecarga para as mulheres**. 2014.

VALENTE, TAIS BITENCOURT; SCHREIBER, DUSAN; ASHTON, MARY SANDRA GUERRA. Impacto da mudança organizacional sobre o trabalho criativo em agências

de publicidade e propaganda. Anais do VII Simpósio Internacional de Gestão de Projetos, Inovação e Sustentabilidade, 2018.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. Temáticas, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203–220, ago/dez. 2014.

QUENTAL, C.; WETZEL, U. Equilíbrio trabalho-família e empreendedorismo: a experiência das mulheres brasileiras. In: **Anais do Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração**, Salvador, BA, Brasil, 26, 2002

APÊNDICE: ROTEIRO DE ENTREVISTA

A) Perfil

1. Cor/Raça:
 - a. preta parda branca amarela indígena
2. Idade
3. Estado civil/conjugalidade
4. Você tem filhos? Quantos
5. Qual o seu grau de escolaridade?
6. Você fez algum curso superior ou curso de especialização?
7. Há quanto tempo reside em São Carlos?
8. Qual o seu tipo de moradia?
 casa própria alugada outras (especificar)
9. Quantas pessoas moram em sua casa?
10. Quantas pessoas contribuem no orçamento familiar?
11. Qual a renda familiar aproximada?
12. Qual sua renda média mensal?

B) Característica do trabalho e da empresa

1. Desde quando você empreende?
2. Qual a área do seu negócio? Poderia me falar um pouco sobre suas responsabilidades e atividades profissionais?
3. Você empreende em uma loja física ou trabalha em home office?
4. Você tem funcionários na sua loja? Quantos? Em quais atividades?
5. Quais são suas principais tarefas no seu negócio?
6. Em média quantas horas por dia você trabalha? E quantos dias por semana?
7. Atualmente possui CNPJ? Se sim, em qual das categorias sua empresa se encaixa:
 - Microempreendedor Individual (MEI)
 - Micro Empresa (ME)
 - Empresa de Pequeno Porte (EPP)
 - Outra?

8. Alguma vez você já trabalhou fora do seu horário de expediente ou em casa, por exemplo, respondeu mensagens dos clientes, utilizou o fim de semana ou feriado para fazer alguma tarefa?
9. A pandemia afetou de alguma forma seu comércio? (Diminui seu rendimento? teve que adaptar em algum sentido?)
10. Você já precisou de algum empréstimo para manter a loja funcionando?
11. Para você, os recursos financeiros já representaram alguma barreira para a expansão do seu empreendimento?

C) Trajetória Ocupacional

1. Em que ano você começou a empreender?
2. Você já teve outros trabalhos antes de abrir seu próprio negócio? (desde o primeiro trabalho)
3. Além da loja você realiza algum outro trabalho paralelo? Qual?
4. Você já teve algum trabalho de carteira assinada? Por quanto tempo?
5. Você prefere ter o próprio negócio ou trabalhar de carteira assinada? Por quê?
6. O que você considera que precisou aprender para abrir e manter seu próprio negócio?
7. Qual foi a motivação para você decidir empreender? Quais são as maiores dificuldades que você enfrenta para manter seu negócio funcionando?
8. Você acha que pesa tudo ser sua responsabilidade?
9. Para você, quais são as principais vantagens em ter um negócio próprio?
10. Para você, o empreendedorismo proporciona mais autonomia e emancipação?
11. Para você, sua rotina de empreendedora impacta de alguma forma sua vida pessoal?

D) Redes Sociais e Empreendedorismo

1. Você utiliza alguma rede social para divulgar seu negócio? E para vendas online?
2. Quais redes utiliza? (Instagram, Facebook, WhatsApp, Tiktok...)

3. Por que decidiu começar a utilizar as redes sociais? (Caso tenha começado a loja sem ter um perfil comercial: qual a diferença que você sente no seu trabalho antes e depois de ter um perfil no Instagram?)
4. Como você define o papel das redes sociais em sua estratégia de negócio?
5. Como você descreveria a carga de trabalho desde que começou a usar as redes sociais como parte de sua estratégia de negócio?
6. Quais são as principais vantagens que você percebe que tem ao utilizar as redes sociais? E quais as principais dificuldades/desvantagens?
7. Você acompanha algum influenciador/influenciadora que fala sobre empreendedorismo? Consome conteúdos para te ajudar com seu empreendimento? Quais os principais?
8. Ao utilizar as redes sociais você percebeu novas demandas em seu trabalho? Como ter que dedicar tempo a mais para gerenciar seu perfil no Instagram ou para produzir conteúdos como fotos e vídeos sobre seus produtos/serviços? Você passa algum tempo respondendo mensagens nas redes sociais, como faz para gerenciar isso com as demandas do trabalho presencial?
9. Você já usou o tempo fora do horário de expediente para produzir conteúdo para as redes sociais ou até mesmo responder seus clientes?
10. Como lida com as mensagens e demandas que aparecem durante seus momentos de descanso?
11. Você já percebeu algum impacto negativo em sua saúde física ou mental devido a necessidade constante de estar cuidando das redes sociais do empreendimento?

E) Direitos Trabalhistas

1. Você tira férias ao longo do ano?
2. Você faz planos para a sua aposentadoria? De que maneira?
3. Você possui plano de saúde?
4. Como você lida com questões como trabalhar fora do expediente e a jornada de trabalho?
5. Você acredita que a falta de benefícios como férias remuneradas e licença-saúde impactam a sua motivação e desempenho como empreendedora?

6. Você já enfrentou alguma situação em que a falta de proteção trabalhista impactou negativamente sua atividade empreendedora? Como uma situação de acidente no trabalho ou algum problema de saúde.

F) Empreendedorismo e o Trabalho de Cuidado

1. O seu núcleo familiar apoiou/apoia a sua decisão de ter um negócio próprio?
2. O que você costuma fazer no seu tempo livre?
3. Você tem filhos? Se sim, como você gerencia o tempo do seu negócio em relação ao que você precisa dedicar ao cuidado deles?
4. As responsabilidades domésticas e de cuidado (seja com filhos ou outros familiares) impactaram sua decisão de abrir o próprio negócio?
5. Como você articula suas responsabilidades profissionais e pessoais, especialmente em termos de trabalho doméstico e de cuidado com seus familiares?
6. Quanto tempo em média você dedica às tarefas domésticas?
7. Quais são os principais desafios que você enfrenta ao gerenciar seu negócio e as responsabilidades domésticas simultaneamente?
8. Quais estratégias você desenvolveu para conseguir articular essas duas áreas da sua vida? E quais foram os maiores desafios que você enfrentou para conciliar ambos?
9. Como sua rede de apoio (familiares, amigos, funcionários) contribui para facilitar ou complicar o equilíbrio entre trabalho e responsabilidades domésticas?
10. Você tem assistência de algum(a) trabalhador(a) para te ajudar nas tarefas domésticas? Como empregadas domésticas, babás, diaristas
11. Como as responsabilidades de trabalho doméstico e de cuidado influenciam no seu dia a dia enquanto empreendedora?
12. Quando você trabalha em casa, como faz para conseguir separar o ambiente doméstico do profissional? Você sente que as demandas da casa acabam influenciando no seu ritmo de trabalho?
13. Você acredita que existe um impacto diferenciado entre homens e mulheres empreendedoras em relação a essas responsabilidades?
14. Você já precisou cancelar algum compromisso ou não trabalhar determinado dia devido a imprevistos familiares?

15. Você considera que o peso das responsabilidades domésticas representa um obstáculo maior para o avanço profissional das mulheres em comparação aos homens?
16. Agora que você tem um empreendimento consegue passar mais tempo com sua família?
17. Você acha que consegue atender as necessidades da sua vida social relacionadas às demandas da família, maternidade e dos amigos?
18. Em algum momento você precisou abrir mão de suas férias, lazer, eventos sociais para atender alguma demanda do empreendimento? Como você se sentiu com isso?

G) Perspectivas Futuras

12. Qual a principal vantagem, para você, em ter seu próprio negócio?
13. Você se sente realizada em seu trabalho? Caso surgisse uma oportunidade de trabalho clt você gostaria de mudar?
14. Você tem planos de trabalho futuros? Se sim, quais?
15. Por fim, há algo que eu não te perguntei e que você gostaria de me contar sobre o seu trabalho?